



volume 5

CADERNO

DE

Jornalismo Esportivo

Carla de Oliveira Tôzo

Luciano Victor Barros Maluly

Rafael Duarte Oliveira Venancio

(Orgs)



CCA

USP

cje

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carla de Oliveira Tôzo
Luciano Victor Barros Maluly
Rafael Duarte Oliveira Venancio
(Orgs)

CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO

Volume 5

DOI: 10.11606/9786588640098

cje
JORNALISMO E EDITORAÇÃO

eca USP
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Novembro de 2020



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli



DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. André Chaves de Melo Silva

Vice-chefe: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Editoração: Rafael Duarte Oliveira Venancio

Capa: Livia Batista Magalhães e Maria Clara Abaurre Paiva

Revisão: Ana Claudia de Farias, Freddy Afanasenko Sanches e Hellen Beatriz Tamarozzi (alunos do curso de Letras que cursaram a disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo)



As ideias expressas em cada texto são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor e não refletem as ideias dos organizadores. Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Sinopse

Ebook realizado na disciplina CJE-0563 Conceitos e Gêneros do Jornalismo, do 2º semestre de 2020, a partir da proposta da produção de um livro de crônicas que enfocam, ao mesmo tempo, três conceitos: *Infância* (período breve que deixa muitas lembranças), *Memórias* (informações absorvidas, como fatos obtidos por meio de experiências ouvidas, vividas. Aquilo que guardamos, armazenamos em algum lugar da mente, do coração ou de ambos) e *Atividades físicas e esportivas* (movimento do corpo que consome energia, tal como caminhar, correr, andar, brincar).

ISBN: 978-65-88640-09-8

DOI: 10.11606/9786588640098

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C122 Caderno de jornalismo esportivo [recurso eletrônico] : volume 5 / organização Carla de Oliveira Tôzo, Luciano Victor Barros Maluly, Rafael Duarte Oliveira Venancio. – São Paulo: ECA-USP, 2020.
177 p.

ISBN 978-65-88640-09-8
DOI 10.11606/9786588640098

1. Jornalismo esportivo. 2. Crônica jornalística. 3. Esportes. I. Tôzo, Carla de Oliveira. II. Maluly, Luciano Victor Barros. III. Venancio, Rafael Duarte Oliveira.

CDD 21. ed. – 070.449796

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholl Maldonado CRB-8/6194

*Para Andréia Terzariol Couto
& Sérgio Robinson Quintanilha*

*É dever do jornalista esportivo
partilhar não só as histórias sobre-
humanas dos grandes campeões,
mas principalmente as aventuras
humanas dos anônimos, esses
fabulosos acontecimentos incomuns
feitos por gente comum.*

Gustavo de Araújo Longo, jornalista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Os organizadores

I – BRINCADEIRAS DE RUA

RUA SEM SAÍDA

Bruno Miliozi

POR UM SÁBADO NA INFÂNCIA

Isabella Marin Silva

NÃO FUI EU, MÃE! FOI O VAR!

Lucas Xastre Zacari

CHEIRO DA VITÓRIA E OUTRAS SENSações DE INFÂNCIA

Mariana Marinho dos Santos Marques

SEXTA À TARDE

Mateus de Souza Dias

A INJUSTIÇA DOS SÉCULOS

Sarah Lídice

PARTIDA DE TACO

Victor Hugo Figueiredo Cabral

II – NAS REDES DE VÔLEI

UM PRESENTE NO DIA 12

Aldrey Olegario

ENCONTROS, DESENCONTROS E O VÔLEI

Mara Mendes de Matos

EU NÃO MEREÇO UM UNIFORME VELHO

Rebeca Alencar de Oliveira Leme

III- COPA DO MUNDO

A FATÍDICA TERÇA-FEIRA

Ana Carolina Guerra

PENSAMENTO EQUIVOCADO

Cadu Everton

JOGO DE ANIVERSÁRIO

João Timm Coutinho

IV- MEMÓRIAS DE (E EM) FAMÍLIA

QUE TIME VOCÊ TORCE?

Evan Carvalho Cardoso

O QUE A PRANCHA TEM QUE EU NÃO TENHO?

Maria Clara Abaurre

A ROLETA RUSSA DO FLUMINENSE

Marina Bittencourt Correia Guimarães

PULANDO DA PRANCHA

Pedro Guilherme Costa Massa

DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO

Victoria dos Reis Borges

V- ESCOLINHA DE FUTEBOL

ME SALVEI DO FUTEBOL

Freddy Afanasenko Sanches

TEMPO DA FRALDINHA

Theo Sales

VI- REFLEXÕES

UM BRINDE AOS RECOMEÇOS

Ana Claudia de Faria

MINHA DUAL RELAÇÃO COM O ESPORTE

Ana Paula Alves

MANIFESTO

Beatriz Sardinha

O ESPORTE E A NORMATIZAÇÃO DA
MICROVIOLÊNCIA

Filipe Albessu Narciso

REFLEXÕES DO DESCANSO

Leticia Tanaka

NÃO SE ESQUEÇA DE TENTAR

Livia Magalhães

SONHOS DE INFÂNCIA

Luana Oliveira de Melo Machado

SOBRE FALTAS

Tauane Pereira Ybarra

VII – CORINTHIANISMOS

OS MILAGRES DO TIMÃO

Giulia Castro Neves Dal Mas

MINHA PRIMEIRA E MAIS TRISTE MEMÓRIA

João Pedro Barreto Fontes

O JOGO QUE ME DEU UM TIME E MUITO MAIS

Rodrigo Tamarro Costa

ITAQUERA YOKOHAMA

Tomás Bannwart Novaes

VIII – NOS TEMPOS DA ESCOLA

A SINESTESIA AO LESTE

Pedro Ferreira da Cunha Neto

O MELHOR E ÚNICO TIME DA ESCOLA

Vinicius Santos Machuca

IX – AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS EFEITOS DO SANGUE

Gustavo Costa

A PARTIDA

Hellen Beatriz Tamarozzi

DEDICAÇÃO É O QUE IMPORTA

Natalia Nora Marques

X- ÁGUA, SOL E MAR

LIBERDADE NA AREIA

Matheus Silva Nascimento

CAOS QUE TRAZ PARA PERTO

Verônica Mello Henriques

INTRODUÇÃO

Os organizadores

Infância: período breve que deixa muitas lembranças.

Memórias: informações absorvidas, como fatos obtidos por meio de experiências ouvidas, vividas. É aquilo que guardamos, armazenamos em algum lugar da mente, do coração ou de ambos.

Atividades físicas e esportivas: movimento do corpo que consome energia. Mas, que movimento? Caminhar, correr, andar, brincar....

A junção dessas três palavras foi utilizada como ponto de partida para o primeiro trabalho da disciplina *CJE-0563 Conceitos e Gêneros do Jornalismo*: a produção de um livro de crônicas.

Além da aula teórica, convidamos a Profa. Dra. Andréia Terzariol Couto para falar sobre a relação entre jornalismo e literatura e o doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-

USP, Sergio Robson Quintanilha, para compartilhar sua experiência como cronista.

No primeiro momento, escrever o texto não seria uma tarefa difícil, mas retornar à infância e pensar sobre sua relação com o esporte e a educação física seria um desafio e tanto. Aos poucos, a ideia foi ficando mais clara e as histórias surgiram.

Jogos, viagens de férias, relações familiares, críticas sociais, dores, ausências, alegrias, tristezas foram recorrentes nessas recordações. Assim, recebemos 39 textos que deram origem a este livro que está dividido em 10 seções.

Brincadeiras de rua: futebol, pega-pega, taco ou simplesmente curtir o final de semana sem ter lição de casa para fazer.

Nas redes de vôlei: aquela minirrede de presente ou até mesmo a luta por um maior espaço dessa prática, contra as “ditaduras” dos outros esportes, ou por maior presença feminina.

Copa do Mundo: tema de festa de aniversário, aprender a sentir o que é dor, choro, conhecer outras culturas/países.

Memórias de (e em) família: às vezes, você nem sabe por que gosta daquilo ou seria não gosta? E a “obrigação” de manter a tradição?

Escolinha de futebol: por escolha própria ou a simples e espontânea “pressão” dos pais?

Reflexões: são muitas e nem sempre alegres. Recomeços, relações dúbias, manifestos, tentativa e erro, sonhos...

Corinthianismos: há uma máxima que “ou você é Corinthiano ou anti-Corinthiano”. Não basta ser Corinthiano, é preciso viver os corinthianismos.

Nos tempos da escola: o melhor time? A melhor aula? Ou simplesmente matar aulas?

As aulas de Educação Física: aquela partida marcante que não necessariamente resultou em vitória ou os pequenos “acidentes” tão comuns.

Água, sol e mar: nas férias ou em feriados. Correr à beira da orla? Tomar um picolé? Nadar, Nadar e nadar... Ou simplesmente fazer nada.

Ao leitor fica a dica: com as crônicas esportivas, o tempo para.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

I – BRINCADEIRAS DE RUA

RUA SEM SAÍDA

Bruno Miliozi

Era rotina. Tarde da noite, mesmo em dias úteis, as vazias ruas da Vila Mangalot se enchiam de risada, barulheira e bom futebol de sua molecada. Nessa noite específica, acontecia o que, para nós, era o grande clássico de Pirituba: Da Esquina contra Sem Saída. Eu, representante da rua fechada, marquei o gol que rendeu glória e um Dolly de dois litros, já não tão gelado após assistir da calçada.

Nosso time era entrosado. No gol, Gabriel se gabava por não precisar de luvas - apesar de só defender com os pés. Na linha, Vini era muito técnico, daqueles que fazia a bola correr, mas mantinha sua passada lenta. Batia bem na bola. Gu era uma incógnita, imprevisível. Corria de cabeça baixa, chutava de bico e não tocava a bola, só rolava. Ainda assim, anotava seus gols e era quem atraía os olhos de nossa torcedora mais fiel: sua cachorra Shakira. Cadu, o mais velho, era nosso craque. O moicano e as lambretas eram

reconhecidos por todo o bairro. Por fim, estava eu. Rápido, gostava de bola na frente e fazer fila entre os marcadores, mas talvez minha memória seja generosa demais.

O elenco era colocado à prova nos finais de semana, no grande evento que era a visita ao parque. As traves de Toronto, São Domingos e Pelezão eram grandes para nós, acostumados a bombardear os acanhados portões da vizinhança, principalmente o da Dona Helena, que, furiosa, respondia com jatos de mangueira lá de sua sacada. Nas quadras cinzas de concreto, em que passávamos a tarde toda, poucos se entendiam como a gente. Em terra de “dez minutos dois gols”, fazíamos hora. Nossas jogadas, dribles e gols, depois, viravam assunto no caminho de volta e nos papos que cruzavam a madrugada.

A parte triste da história é que ela acaba. O tempo chega e, com ele, as responsabilidades incompatíveis com o futebol de semana. A rua também ficou pequena, e nós acabamos encontrando a saída dela. Algumas coisas mudam, outras permanecem. Não sou mais tão rápido e Cadu não é mais conhecido como líder do nosso time. Por outro lado, Vini segue sem correr muito, Gu continua com

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

a companhia de Shakira e Gabriel definitivamente não usa luvas.

Hoje, a rua sente saudades.

POR UM SÁBADO NA INFÂNCIA

Isabella Marin Silva

Era sábado. Finalmente sem escola e podia assistir desenho à vontade. Isso se antes tomasse leite com *Toddy* porque, como diziam, "me deixaria forte". A vida era tão simples e a nossa maior preocupação era o que íamos inventar de fazer a tarde. Todo dia era uma brincadeira diferente, fruto da nossa imaginação livre. As brincadeiras na rua foram o nosso primeiro esporte - não só nosso, como de quase toda criança a nossa volta. Sair de casa, rodar o bairro, brincar e voltar todo suado para a casa era quase uma rotina de todo final de semana. Eu, como irmã mais nova de um menino, sempre quis seguir ele para onde fosse e ele, claro, odiava. Podia ficar brincando de boneca, mas como não gostava muito, nossa mãe, maravilhosamente, o obrigava a me carregar junto em todas as brincadeiras de rua dele e de seus amigos. Agora, por exemplo, era hora do futebol, galera já começava a se posicionar.

- Beleza! Quem vai ficar no time de quem?

Silêncio. Claro que cada um já tem seu favorito, quem a gente sabe que é melhor, e com quem, no geral, nos damos melhor, por isso a discussão não é muito longa. Como de praxe, todos descalços com os pés encardidos e quem tinha ido com tênis, emprestava o sapato para fazer de gol. E assim, mais um que voltaria com o pé sujo para casa e mais uma mãe que brigaria pela cor da meia. Com o tempo a gente foi aprendendo que o melhor era voltar para casa descalço mesmo para evitar sermões do tipo, mas isso veio apenas com a maturidade, por enquanto a limpeza não era bem o ponto mais preocupante de nossas vidas. Muito menos as regras. O jogo se dava do jeito que conseguia, alguns times com mais, outros com menos...

- Escanteio? Quem disse que ali era fora de área?

- Ué, mas a gente já tinha falado que...

E lá vamos em mais uma discussão. Conforme ia passando o tempo, as brincadeiras iam se diversificando. Depois era só conversa fora, ficar no parquinho da praça ou sentar na calçada dobrando folha de árvore. Às vezes acontecia de se machucar, arrancar o tampão do pé e tentar não chorar na frente dos outros. É só um machucado, mas

dóooi. E sangra. Ah, com certeza sangra! Ei, cuidado! Não pisa no chão com esse pé aberto!

E a gente ia atravessando a rua saltitando até a casa. Mas, antes mesmo de escurecer (ou de arrancar o tampão do pé) a gente já estava de volta em casa. Jantar sempre depois de tomar banho para não dar congestão e esperar pelo cansaço do dia vir chegando sorrateiro. Nossa última tarefa do dia era assistir a novela com nossos pais e fingir que estava dormindo para ser carregado para a cama. Pelo menos a gente tentava, já que, às vezes, ou na maioria delas, um sorrisinho nos denunciava. Anos e anos de prática nos fizeram finalmente dominar a habilidade, mas não foi por falta de esforço. Enfim, dormir para depois ficar esperando ansiosos o próximo dia que a gente iria se encontrar e repetir toda a mesma ladainha.

NÃO FUI EU, MÃE! FOI O VAR!

Lucas Xastre Zacari

Adorado por uns, odiado por outros. A verdade é que, quando o juiz faz o “retângulo no ar”, não existe mais ateu nas torcidas envolvidas. De um lado, reza para que o juiz anule o gol; do outro, reza para que a decisão de campo seja mantida. É quando diferenças milimétricas tomam dimensões astronômicas, esbarrões viram atropelamentos e vice-versa, a confusão se instaura e os ânimos se acendem, tanto dentro quanto fora das quatro linhas, no estádio ou em casa.

Se homens e mulheres já experimentados pelo mundo adulto sofrem com um aparelho eletrônico que tenta, apesar de não parecer, combater as injustiças futebolísticas, imagina então o alvoroço que se instalaria caso o VAR interferisse nos jogos e brincadeiras infantis?

Acredito que na queimada, o dilema se manteria. Se a bola na mão é um problema no futebol, em uma das modalidades mais disputadas nas escolas não seria diferente. Como seria a cada vez que a bola fosse jogada em

direção ao colega? Teria sempre que parar o jogo para ver se bateu no ombro, no braço, na mão ou na barriga? Afinal, como diria o comentarista de arbitragem: “a regra é clara”, mão e cabeça é fria!

E se for parar para pensar nos outros esportes de rua, essa discussão vai ainda mais longe. Como seria no futebol com gol de chinelo? Dribla um, dribla dois, toca, recebe, chuta, faz o gol, comemora com os amigos, volta para o seu campo...fica esperando...e esperando...e esperando...até que chega seu vizinho, com um fone de ouvido e um *joystick* na mão dizendo que a bola triscou por cima da sandália e que não pode validar o tento. Aí é que a confusão se lança, é criança correndo na frente do carro passando, é choro, é raiva, é grito (essas últimas características, inclusive, obtidas de observar os pais vendo o esporte bretão. Ou seria o contrário? Os filhos fazem isso e transformam-se nos adultos reclamões?). Mas o jogo que é bom voltar, nada. Isso que eu nem falei da clássica:

- Não foi gol, foi falta!

Não é só no universo esportivo que o árbitro de vídeo seria um horror para os pequenos. Nas brincadeiras

clássicas, nós teríamos ainda mais preocupações a serem pensadas e discutidas. Na cabra cega - ou cobra cega, os animais ou as vogais aqui não fazem diferença - ou no esconde-esconde, haveria uma câmera focada no rosto de quem estivesse no pique, pra ver se o olho está completamente fechado ou se teria alguém tentando trapacear e vendo os outros antes. E ai da criança se ela abrisse! Claro que todas essas regras seriam regulamentadas pela FIBC, a Federação Internacional da Brincadeira de Criança. Assim como no pega-pega, alguém teria que ficar de olho para ver se a pessoa realmente encostou ou não. E se tivesse um desafeto na brincadeira, outra coisa teria que ser vista: foi um simples toque para pegar o adversário, ou um famoso soco de mão aberta?

A lista de obstruções vai longe, e se eu continuar descrevendo todas as possibilidades, posso demorar mais que a decisão dos juízes no Campeonato Brasileiro atual. Cada vez mais, o futebol mostra-se muito mais intrínseco à infância do que se possa imaginar. Não apenas na ginga e na malemolência típica da criança, mas também na reclamação e na chatice do jogador e do torcedor, prontos

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

para reclamar e chorar pelas decisões tomadas pelos juízes, que podem ser os pais do jogo, advertindo e botando de castigo quem continuar enchendo-os.

CHEIRO DA VITÓRIA E OUTRAS SENSações DE INFÂNCIA

Mariana Marinho dos Santos Marques

Frio, levemente pegajoso e vermelho. Isso descreve bem o solo de parte do Centro-Oeste Brasileiro logo após chover. Deveria ser alguma época entre setembro e novembro, mas já não sei se chove com tanta frequência no Mato Grosso do Sul entre setembro e novembro. Também não sei se ter isso em mente ainda faz muita diferença, uma vez que neste ano até choveu granizo aqui pertinho, em Nova Iguaçu.

Fenômenos geográficos à parte, porque as crianças pequenas ainda podem gozar de certa ignorância a respeito das consequências do aquecimento global. A terra entrava entre os nossos dedos e sujava os nossos calcanhares. Como boa menina que era, entrei na brincadeira meio receosa de sujar minha camiseta branca, receio que não durou muito tempo: corri, brinquei de pique e empinei pipas alheias.

De tempos em tempos, meu pai gritava o meu nome lá longe e eu não pensava duas vezes antes de sair correndo

para encontrar os dois pares de olhos que cuidavam de mim. Os olhares de minha mãe eram sempre meio tortos, de quem não queria que eu sujasse a roupa *demais*. Meu pai, por outro lado, me encarava com a convicção de quem sabe que uma criança suada e sujinha é uma criança feliz:

- Água, já faz muito tempo que você não toma água...não...mais um pouquinho. Pronto. Agora pode ir.

Uma vez corremos para longe demais. Pedro, seu nome era Pedro, era muito rápido, e sabia bem disso. Me chamava de lesma sempre que tinha oportunidade entre uma partida de pega-pega e outra. Naquele dia, estava determinada a alcançar aquele garoto franzino e de cabelos pretos que vivia caçoando de mim.

Meus olhos o encaravam como se ele fosse uma presa, algo a ser combatido e derrotado, tive a leve impressão de que isso era notável quando Pedro desatou a correr meio sem rumo. Fizemos uma curva para a direita, bem rente às árvores e assustamos algum animalzinho que descansava com o focinho ao Sol, uma cotia, pelo tamanho.

Em nossa frente o que havia era tudo que uma criança poderia querer: restos de construção abandonados. Ela tinha

sido destruída ou nunca, de fato, ficou pronta, mas ao menos o terreno estava limpo, livre de cacos de vidro ou qualquer tijolo meio escondido que pudesse machucar nossos pés descalços. O melhor? Aquela mini construção, toda feita de tijolinhos, era perfeita para fazer exatamente o que pretendíamos fazer: brincar.

Daí para frente não me recordo muito, o chão era mais lamacento, tornando infrutíferas as nossas tentativas de não cair. Tudo que havia restado das paredes tinham a distância e a inclinação apropriadas para serem escaladas por crianças arteiras. Éramos crianças arteiras.

Depois de algum tempo pulando, se segurando e dando impulso para cima, me dei conta da única vantagem que eu tinha sobre o meu oponente: meu equilíbrio. Bastava manter Pedro mais tempo sob os tijolos do que da lama, que o jogo seria meu. É gostoso o cheiro da vitória antecipada, não é? Uma mistura estranha de suor, folhas de pinheiro e algo que só posso definir como determinação. Qual foi a última vez que senti esse cheiro? Não faço a menor ideia, mas essa foi a primeira.

A superfície, dessa vez, era inclinada, dura e áspera. Ele estava ao alcance da minha mão, mas ao que parece, essa mão era essencial para a minha permanência sobre a mureta. O resto? Espanto. Medo. Dor. Sangue. Ardia como o inferno, sequer conseguia enxergar um palmo na minha frente. Ai como o fracasso dói.

Foi quando meu amigo e arqui-inimigo chegou perto, olhou a minha perna com cuidado, tentando entender o tamanho do machucado no meu joelho. Estendeu a mão e eu apertei-a bem forte.

- Tá doendo muito?

- Sim.

- Quer que eu chame a sua mamãe?

- Não.

...

...

- Pedro?

- Oi?

- Eu ganhei, sabia?!

SEXTA À TARDE

Mateus de Souza Dias

É sexta à tarde e estou deitado no sofá assistindo a qualquer coisa na Netflix para me tirar do tédio. Ouço da porta aberta da sala, o grito da minha irmã — e que grito — convidando a mim para brincar de polícia e ladrão na rua. Ela e suas amigas têm há algum tempo sentado quase que todos os dias no passeio pra conversar, brincar e tomar açaí. Revivo quase de imediato os finais de tardes de sexta-feira de quando era menor.

A aula acabava quase cinco. Eu e todos os outros meninos da rua já saíamos da escola planejando o que faríamos depois de chegar em casa, tomar nosso café e trocar de roupa. Quase sempre começávamos a brincar de bola até aparecer mais gente e escurecer. Jogar bola era divertido, mas a melhor parte era quando começava o pique esconde. Quanto mais gente juntava, melhor ficava a brincadeira.

Os esconderijos eram impossíveis de achar mesmo quando o pique conhecia todos. As habilidades que tínhamos de simplesmente sumir na noite que acabava de começar são impossíveis de descrever. A rua era enorme e a quantidade de bequinhos para se esconder eram incontáveis, assim como os vários terrenos vazios que pulávamos o muro com tamanha proeza. Isso quando não entrávamos na varanda dos vizinhos.

Lembro dos limites que a gente colocava para que não nos escondêssemos na cidade toda — o que é quase possível pelo tamanho que ela tem. De uma esquina a outra e até a fábrica de calcinhas no final da rua que subia, era o nosso mundo pelas próximas horas. Haja pernas pra quem estivesse no pique e também para quem se escondia longe na hora de “se salvar”. Descer o morro da fábrica no embalo e sem cair era um desafio e tanto. Quando éramos pegos ou nos salvávamos, o meio fio era o lugar de nossas conversas sobre qualquer coisa. E as partidas decididas na filinha de quem estaria no pique iam se sucedendo até que enfim cansávamos e íamos pra casa. Isso durava até quase nove da noite, quase todas a sextas e às vezes no meio da semana.

Não me vem à cabeça a última vez que brinquei sexta à tarde. Um dia, eu só não fui e não voltei mais. Confesso que me senti tentado a mais uma vez brincar na rua, ver se conseguia trazer toda aquela euforia de alguns anos atrás. Correr e me esconder no policia e ladrão junto com as meninas, alguns anos mais novas que eu, parecia o melhor para terminar a tarde. Voltei minha atenção para a televisão por mais algum tempo e fui tomar banho para me preparar para aula que tinha às sete e meia. Minha irmã e suas amigas continuaram sentadas no meio fio conversando e brincando, até um dia elas resolverem também não ir e não voltar mais.

A INJUSTIÇA DOS SÉCULOS

Sarah Lídice

Coitadas das crianças que sentem, desde cedo, as dores da lei da infância. Ainda bem nova, percebi a grande injustiça dos séculos, baseada no nobre princípio da variação dos quatro Algarismos. Isso funcionava quando crianças mais novas conviviam com as mais velhas. Pelo menos assim parecia estar escrito no tribunal infantil.

Pessoalmente, fui uma das vítimas. Meus Algarismos? Dois, zero, zero e um. Nascida no fatídico ano de 2001. As outras eram a minha irmã, Letícia — um, nove, nove e oito —, e havia também as primas da família Moreira Branco: Júlia — um, nove, nove, nove — e Ana, que comigo compartilhou da infelicidade de ter nascido já neste século. Era de 2002. Dois, zero, zero... dois! Um azar mesmo, ter nascido naquele ano. Ela seria sempre a mais nova das quatro, fizesse o que fizesse ou crescesse o quanto

crecesse. Ali, valia a boa, dura e quase vitalícia lei da primeira infância.

Prova viva dessa injustiça foi numa tarde de muito sol, na cidadezinha cor de minério e bem mineiresca de Barão de Cocais. Leticia e eu fomos ao esperado dia de visita às Moreira Branco. De cortesia, levamos orgulhosas, num saquinho, nosso tesouro: duas raquetes de madeira e uma bolinha. Aquele jogo de praia com o nome estranho de frescobol. Só que em Barão, de praia, só o sol!

O jeito era jogar na rua mesmo, na Capitão Francisco Soares, palco da meninada. Ali descobri cruamente a existência da perversa instituição infantil. Éramos quatro, mas as raquetes eram apenas duas. Disso veio um impasse, que poderia render uma discussão de quem começaria a jogar, se... já não existisse a fórmula da lei: primeiro, as mais velhas. As remoídas do século XXI ficariam para depois.

Mas para nos animar, disseram que nossa função, enquanto isso, seria mantê-las hidratadas e coletar a bolinha quando caísse. Algo igualmente nobre! Então, construímos um reduto de serviços gerais, com garrafas de água a postos

para o refile e a coluna preparada para o sobe e desce sofrido de catação da bolinha.

Pelo menos a gente podia olhar. Era tão bonito ficar olhando... Elas estavam bem distantes uma da outra, pingando de suor, e tinham que rebater a bola com força e precisão. Mesmo quando parecia impossível conseguir, davam um jeito. Afinal de contas, elas eram de 1998 e 1999. Quando me cansava de acompanhar o vai e vem da bola, fixava os olhos nelas: a irmã e a prima, as mais velhas, ali no auge da criancice, sem sinal algum de querer ceder seus postos.

Júlia sempre foi meio maldosinha. Com ela percebi, pela primeira vez, a sutileza do jogo sujo no baralho. Minha irmã, apesar do posto de mais velha das quatro, ficava sempre quieta nas brincadeiras. Aproveitava calada sua dourada data de nascimento. Ana era a mais bobinha, cartabranca desde sempre, nunca vista como parte legítima dos grupos das primas e, até hoje, reivindica o posto. E eu, claro! Manda-chuva de Júlia: ela falava, eu fazia. De tanto ficar olhando, naquela interminável espera, assisti ao tribunal mais injusto.

Como podem ser cruéis as crianças! Algumas capazes de dominar tão bem essa política dos algarismos. Não jogamos, Ana e eu. Secas por dentro e suadas por fora, acabou o dia de sol, para nós simplesmente um dia de trabalho. Nada de frescobol. Ah! Se eu tivesse nascido no século passado... Melhor seria não ter levado o saquinho com o tesouro. Aí, não jogava ninguém e a infância continuaria sendo bem justa e bem bonita. Maldito o poder dos algarismos.

PARTIDA DE TACO

Victor Hugo Figueiredo Cabral

Janeiro de 2003, numa tarde ensolarada de um domingo qualquer, em alguma rua plana localizada na cidade de São Paulo. A verdade é que, tanto a data, como o local pouco importam. O que realmente importa são as nostálgicas e intensas batalhas para tomar a base inimiga nas heroicas partidas de taco. Duas latinhas cheias de terra, areia ou qualquer coisa que as deixem pesadas; uma bolinha de borracha; dois pedaços de pau suficientemente grandes para servir de taco e aproximadamente dez metros de asfalto. Essas eram as condições mínimas necessárias para que amazonas e guerreiros, com menos de um metro e meio de altura, se digladiassem em duplas, durante muitas horas.

Enganam-se os meros mortais que creem se tratar de uma simples brincadeira infantil. Era na verdade uma infundável disputa pela soberania da rua, do quarteirão ou até mesmo do bairro, que começava a se desenrolar nas tensas tomadas de duplas. Tal seleção era um evento aleatório que traçaria os caminhos de sua estratégia em

decorrência das habilidades e virtudes do parceiro ou parceira que os deuses lhe enviavam naquela tarde. Constantemente, alguns cogitavam a permuta de aliado, mas logo a declinavam, pois a vergonha de tão vil e desonrosa atitude recaía apenas sobre aqueles inescrupulosos realmente capazes de fazê-la. Já com os times formados, a entropia age novamente a fim de determinar os privilegiados que protegem as bases, os de bom destino que tentam tomá-la a qualquer custo e os desafortunados que amargaram desamparados as longas filas de próximo, reclamando de ser o detentor do maior dos azares.

Logo no início da partida, os olhares gritavam calorosas táticas, que apenas a muda dupla era capaz de ouvir e analogamente responder. A atenção para não ceder a um falso lançamento era máxima, pois um simples vacilo tornaria os defensores presas fáceis para os astutos lançadores. Um reflexo predatório, para acertar a bolinha em cheio, era a linha tênue que separava outra acirrada disputa de um doloroso abandono precoce da arena. Porém, no final, o que realmente decidia a intensa partida era a

agilidade para cruzar os tacos, que os mais empolgados diziam que ela se assemelhava a de um relâmpago. Conseguindo inverter as posições, os vitoriosos poderiam desfrutar alguns segundos de sua eterna glória, até serem desafiados novamente e assim davam sequência ao ciclo que dominava as tardes daquele verão. O roteiro só era interrompido mediante a dois fenômenos antrópicos, temidos por todos os integrantes da disputa. O primeiro era o tenebroso “chamado dos responsáveis”, que se tratava de um estridente brado que surgia das trevas, ressoava por toda rua e arrastava pelo menos um integrante para dentro de sua casa, provavelmente para jantar ou tomar um banho. Os que permaneciam no ciclo nada podiam fazer pelo condenado além de rezar por sua alma. Então as configurações de equipes eram rearranjadas antes que o próximo convocado fosse chamado. Substituir as baixas, o mais breve possível, para poder prosseguir com a disputa era uma arte fundamental, que poucos dominavam. Por mais cruel que o chamado dos responsáveis fosse, ele não se comparava com o segundo fenômeno, “o estilhaçar da vidraça”. Quando algum objeto acabava irreparavelmente danificado o

Coliseu, instantaneamente, era evacuado e a bolinha era dada como perdida, até porque a probabilidade de reavê-la era tão baixa que não valia os esforços do resgate. O campo de batalha foi abandonado por dias, mais precisamente até a ira do proprietário esvair-se. Dependendo da gravidade dos prejuízos, poderia demorar muito até a raiva passar. Então, era possível ouvir apenas o ruflar dos pombos sobre os equipamentos de alta performance deixados para trás, até porque, por melhor que fossem os tacos, não era inteligente guardar a prova do crime dentro de seu quarto.

Durante o período de trégua forçada o coração das amazonas e dos guerreiros era aquecido pela esperança de um novo embate épico o mais breve possível.

Tentar reproduzir ou transmitir a sensação de jogar taco não é simples, por mais palavras que se use para tentar descrever, é quase impossível sintetizar o gosto, o prazer, o júbilo de situações como poder gritar aos seus rivais: “LICENÇA PARA PEGAR NO TACO!!!!!!”.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

II – NAS REDES DE VÔLEI

UM PRESENTE NO DIA 12

Aldrey Olegario

Alguma coisa sempre acontecia perto do dia 12 daquele mês. Elas entendiam que a data tão esperada traria uma nova surpresa. 12 de outubro de 2014, Helena e Estela esperavam ansiosas pela volta do pai. Nessa data, Roberto — o pai das meninas — sempre voltava do serviço com alguns presentes que o próprio trabalho entregava a seus funcionários. Elas sabiam disso.

O relógio não estava ajudando tanto e da sacada da casa as duas garotinhas de 12 e 10 anos aguardavam saltitantes. A almejada seis horas da tarde chegou. Roberto subia as escadas da casa com o tão esperado presente de dia das crianças, em pouco tempo ele já estava nas mãos de Helena e Estela. Talvez caiba aqui explicar o motivo de tanto entusiasmo pelo presente: ele seria o último a ser entregue daquela forma, com todo aquele ritual de espera, ansiosidade e picos intermináveis de felicidade. A partir dos 12 anos, cessavam-se os presentes para as crianças no emprego de Roberto.

Mas passemos então ao aguardado momento da destruição das embalagens. As garotinhas abriram juntas aquela caixa de tamanho médio e embrulho brilhante. Após isso, o presente foi revelado: uma bola e uma rede de vôlei. Assim como muita coisa que é fabricada para crianças, era tudo feito de plástico, mas isso não importava naquele momento. Rapidamente, a garagem da casa foi escolhida como o cenário ideal onde a “quadra de vôlei profissional” seria montada.

Não. Nenhuma das duas sabiam as regras desse esporte, mas — mais uma vez — isso realmente não importava. “Relou no chão é ponto”, dizia Helena. Nesse sentido, os jogos exibidos na televisão foram a escola e também serviram de fonte para inspiração. A diferença entre as idades e, conseqüentemente, da altura poderiam causar disparidades e uma das mais clássicas intrigas entre irmãos: em algum momento alguém iria dizer que o outro estava roubando. Isso aconteceu, mas nada como algumas partidas e o espírito esportivo para ensinar as jogadoras mirins e, principalmente à Helena - a mais velha -, a dosar suas vantagens no jogo. Uma das mais emocionantes

partidas ocorreu poucos meses depois da chegada do presente. Thalita, de 11 anos, era prima das meninas e ia frequentemente à casa delas para brincar. Estava dada então a formação dos times da disputa. Isso mesmo, vôlei com três jogadores! Até aqui, uma coisa que o esporte tinha ensinado à Estela e Helena era que se o jogo estivesse injusto, a partida não iria adiante e seria chata. Para resolver isso foi fácil, Estela e Helena - jogadoras menores e mais novas - seriam um time, e Helena - jogadora maior e mais velha - formaria outro time.

Foi emocionante, pique final da seleção brasileira. Os pontos eram marcados com giz de lousa na parede, e assim elas acompanhavam o placar. Foram disputas acirradíssimas e, tal como nos jogos da Tv, também tinham aquela pausa para retomar as energias. Mas, claro que com a adaptação que qualquer criança poderia sugerir, os minutos passaram a ser horas e a água cedeu seu lugar à alguns lanches.

Ah, o presente do dia 12 foi, sem dúvidas, o mais marcante. Para elas, uma forma de colocar em prática aquilo que muitas vezes só pode ser vivenciado através das telas

da televisão. A vibração da torcida pelo time querido, as batidas da bola, o nervosismo que cada partida trás e o sentimento de união de um time, foram algumas das inúmeras coisas que o presente do dia 12 permitiu, que Helena e Estela pudessem puxar da Tv e vivenciar na pele. Isso tudo com a criatividade própria que cada criança indiscutivelmente tem e com o benefício de que, no final das contas, tudo naquele “jogo profissional” não passava de uma brincadeira comum. E que como quaisquer brincadeiras na infância que sejam comuns, adaptadas e envolvam o esporte, sempre deixam algum aprendizado e marcam nossas lembranças, mesmo que naquele momento isso talvez não seja entendido e dado explicitamente.

ENCONTROS, DESENCONTROS E O VÔLEI

Mara Mendes de Matos

Eu nem me lembro a primeira vez que meu pai falou de vôlei e eu compreendi. Mas, sei que foi ele. Daí é que nasceu toda a empolgação com o esporte, com as Olimpíadas e tudo. Uma pena é que, como todos os outros que não o futebol, seja um esporte tão desvalorizado. Ninguém queria jogar vôlei na educação física. As crianças gostavam mais de jogar outros jogos, praticar outros esportes. Já um pouco mais velha, no ensino médio, encontrei colegas também apaixonados pelo vôlei.

E era assim. Ficar até mais tarde na escola para jogar e, ao chegar em casa, assistir aos campeonatos nacionais e internacionais com meu pai e meu irmão. São animadores os dias de Superliga. Até mesmo as reprises assistimos. No caso dos jogos a nível profissional, eu sempre preferi os jogos femininos. Os ralis, mais frequentes, rompem com a possível monotonia dos jogos masculinos. Nesses últimos, é quase sempre saque, recepção, levantamento e aí você já vê a bola cravada pra baixo indo de encontro com o chão.

São poucos os times que conseguem defender e fazer um ponto render bastante tempo. O que é até compreensível, levando em consideração a potência de ataque dos caras.

No meio do tempo, machuquei o pulso jogando e nunca cheguei a entrar pra jogar em um interclasse. Se antes eu já me sentia insegura, agora mais ainda. Em meio aos muitos meninos de uma sala de curso técnico de eletrônica, já fui cogitada como líbero, e guardo bem essa lembrança. Me diverti muito nessa época. Depois fiquei só na torcida. Para honrar a boa competitiva que sou, como torcedora sou insuportável. Cada ponto é muito decisivo no vôlei.

Lembro bem do jogo final das Olimpíadas de 2012 em que o Brasil perdeu o ouro masculino. Tínhamos aberto 2/0 de vantagem. No terceiro *set*, chegamos em 23/22 e Bernardinho colocou Giba para aparecer na capa dos jornais estrelando a vitória. Perdemos para a Rússia. Acho que nunca tinha acontecido uma virada como essa. Pelo menos eu nunca tinha visto. Eu, meu pai e meu irmão sempre recordamos com muita decepção.

Em cada um dos pontos a sensação é aquela de falta de ar e frio na barriga, mas numa intensidade tamanha, em

um curto intervalo de tempo. A vitória fugiu do time da minha sala. Ficamos uns dois interclasses sem ganhar, mesmo sendo um time forte. Saímos como vices da turma de eletrônica um ano mais velha, em 2017. Mas, em 2018, o ouro veio. Todo mundo chorando e aquela coisa toda. Éramos o time dos Rataum's, uma longa história que acabou se eternizando, e finalmente campeões.

Achei que fosse voltar a jogar quando passei na USP, mas nos separamos mais uma vez. Mais uma limitação por morar longe da universidade. De qualquer forma, posso seguir torcendo. Eu já ansiava pelos jogos antes mesmo de passar na faculdade. Por ironia, o Coronavírus nos distanciou. Tudo bem. Meu irmão continua jogando. E, tenho toda certeza, que nesse esporte ele se encontrou. O maior ponteiro que o sub 17 de Mauá já teve. E eu, a maior torcedora. O fim do desencontro.

EU NÃO MEREÇO UM UNIFORME VELHO

Rebeca Alencar de Oliveira Leme

“Eu, como aluna, não me sentia tão valorizada por estar ali, entende?”. Isso foi o que uma amiga me confessou sobre os treinos de vôlei no ensino médio. E a propósito: sim, eu entendo. Nossa escola sempre foi muito dedicada ao esporte, principalmente a essa modalidade. Ela era oferecida fora do horário de aula com treinadores especialmente contratados, e todo esse investimento dava como retorno a conquista de vagas em campeonatos regionais, nacionais e até mesmo internacionais. Mas isso era só para os meninos.

A lógica é clara: se dedique ao que dá bons resultados. Mas, como a equipe feminina traria bons resultados sem o mínimo de suporte? Falo de uma época na qual o que a escola chamava de “treinos em conjunto” era na verdade o treino masculino com o que desse tempo para fazer no treino feminino. Enquanto os meninos estavam indo para competições internacionais de vôlei na Europa, para as

meninas, foi um grande passo conseguir uma treinadora específica para elas: a Bianca.

Segundo ela, “foi aí que tudo mudou”. O engraçado é que o time masculino dizia o mesmo, mas em relação a um fato que eles mesmos protagonizaram e acontecia a quase 10 mil quilômetros de distância daqui. A partir de então, o vôlei feminino definitivamente começou e, junto com ele, todo o peso de um trabalho em grupo que ainda não existia. E não é que a Bianca percebeu isso antes delas?

Ao mesmo tempo em que trabalhava em nossa escola, também cuidava do time de uma outra. Um dia, o que parecia ser o fim de mais um treino rotineiro terminou com uma notícia bombástica: as meninas teriam seu primeiro jogo externo contra o outro time que a Bianca treinava. Sabem o que também foi bombástico? A derrota que elas levaram. O placar de 3 a 0 foi totalmente frustrante e nem mesmo a recém-conquista de uma treinadora exclusiva parecia motivá-las a ir em frente.

Vale ressaltar que o resultado final não foi surpresa para Bianca. Na verdade, saiu exatamente como o planejado. Ao passo que o espírito de equipe é um dos

grandes pilares do vôlei, para aquelas garotas não significava quase nada. Nenhum grande avanço sairia dali sem uma base de companheirismo muito bem consolidada, mas o que passaria facilmente despercebido em uma conversa, a treinadora quis mostrar na prática.

Se engana quem pensa que a reação das garotas foi negativa. Como diria o famoso ditado popular: um baido balde de água fria. Tiveram que colocar toda a sua dedicação em jogo - ou melhor, em quadra - para perceberem que da porta do ginásio para dentro não há nenhuma desavença que se sobreponha ao dever para com o seu time. Aquele dia, que facilmente seria decretado feriado nacional na vida de cada menina ali, marcou grandes mudanças.

Após aquele jogo, as dinâmicas de treino passaram a ser outras. A torcida passou a ser não só pelo sucesso coletivo, mas também pelas companheiras de time. Mais jogos externos chegaram e toda dedicação e garra trouxe aos poucos seus frutos. De vitória em vitória, a equipe feminina de vôlei da nossa escola começou a se sentir capaz

do que absolutamente ninguém ali esperava que elas fossem conseguir.

Mas, não se empolgue. Isso não é um final feliz. Sobre os dois anos em que minha amiga permaneceu no time, ela afirma que o reflexo do trabalho em equipe fez toda a diferença em sua vida acadêmica e profissional, mas não lhe deu nada promissor no esporte. A escola não valorizava seu potencial, mas o dos meninos, sim.

Queria muito terminar a história dizendo que hoje ela está em um dos times profissionais do Brasil, como muitos dos garotos, ao terminar o ensino médio, foram convidados a participar. No entanto, ela estuda publicidade. Não tenho a menor dúvida que ela será uma ótima publicitária, mas também não tinha de que ela seria uma espetacular jogadora profissional de vôlei. Para o azar dela e o de todas as meninas, garotas, e mulheres que já se imaginaram ganhando a vida com o esporte, temos muito mais a provar do que os homens que, aos olhos da sociedade, já nasceram propensos a isso.

Infelizmente, não posso esperar nada de minha ex-escola, que reutilizava os uniformes velhos do vôlei

masculino para o feminino usar. Também não posso esperar nada de uma visão popular mundial que acredita nas mulheres apenas como coadjuvantes no cenário esportivo. Por outro lado, espero ansiosamente pela oportunidade de todas nós, mulheres, mostrarmos o quão preciosas somos, seja nas pequenas quadras ou nos ginásios, na publicidade ou no vôlei. Enquanto isso, a nós, desejo força, e principalmente, os melhores uniformes possíveis.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

III – COPA DO MUNDO

A FATÍDICA TERÇA-FEIRA

Ana Carolina Guerra

Para quem não gosta de esporte em geral, muito menos de futebol, assistir a uma partida é raridade. Mas, de quatro em quatro anos, essa situação se altera. Você já deve imaginar que a razão dessa mudança se chama Copa do Mundo e o motivo não tem nada a ver com o futebol, mas sim com as festas, churrascos e comemorações que nós brasileiros fazemos ao assistir a copa. Independe do fato da seleção ganhar ou perder, a comemoração é sempre garantida. Ou pelo menos era isso que eu pensava até a fatídica terça-feira de 8 de julho de 2014. Ah, aquela fatídica terça-feira!

Tudo naquele dia apontava para a mais plena felicidade. A terça-feira amanheceu ensolarada no interior de Minas e nem parecia que a estação que estávamos era o inverno. Todos os telejornais também previam um dia lindo para capital mineira e o Mineirão já estava pronto para receber os nossos jogadores e também os nossos rivais

alemães. Naquele momento nem imaginávamos que eles seriam nossos terríveis algozes.

Nas ruas, a alegria era contagiante. Lojas, supermercados, centros comerciais, tudo estava decorado para o jogo, enquanto as pessoas, com suas camisas da seleção, corriam para comprar os últimos preparativos para o jogo. Em casa, não seria diferente, minha família ia chegando, a carne já estava na churrasqueira e os deliciosos quitutes da nossa culinária já estavam sendo finalizados. A TV ligada também refletia o entusiasmo do Brasil, mostrando os preparativos de norte a sul.

Mas, por favor, não nos julgue por nossa euforia. Desde 2002, quando tínhamos conquistado o Penta, não tínhamos mais chegado em uma semifinal, sempre éramos parados nas quartas. E após longos 12 anos, enfim, chegávamos a uma semi novamente, comandados pelo mesmo técnico que nos guiou ao Penta. Tudo parecia maravilhoso e a esperança de levar o Hexa era cada vez maior. Além de que muitos, como eu, nunca viram o Brasil levantar uma Taça do Mundo e, naquele momento, isso parecia tão perto de se tornar real. Também não podemos

esquecer que aquela copa era no Brasil, era na nossa casa e, com certeza, ser o primeiro país hexacampeão em casa deve ser uma sensação inexplicável.

Você provavelmente deve estar se perguntando: “como uma pessoa que diz não gostar nenhum pouco de esportes, pode demonstrar tanta emoção para narrar uma simples partida de futebol e a esperança de conquistar um simples título?” Realmente, é difícil explicar essa relação da maioria dos brasileiros com as conquistas da seleção, esse sentimento de felicidade que colocamos sobre a conquista de uma simples taça e como ela parece dar um novo sopro de esperança e união.

Talvez, você diga que somos todos alienados pela política do “Pão e Circo” e, com certeza, concordo com você. Mas, acredito que a real resposta para o amor dos brasileiros por nossa seleção venha do nosso “Complexo de Vira-Lata”. Mesmo essa expressão tendo sido cunhada por Nelson Rodrigues para se referir ao trauma do Maracanã, considero que nosso povo se menospreza e se sente um vira-lata frente ao resto do mundo em quase todas as áreas. Mas, é quase unânime entre todos os brasileiros que no futebol

não somos vira latas, mas sim a realeza, afinal temos reis e imperadores ao nosso lado.

E foi com esse sentimento de carregar nas costas a felicidade da nação, da realeza do futebol, que nossos jogadores entraram em campo naquela terça-feira. Na frente da TV, minha família, como milhões de outras famílias brasileiras, já estava pronta para a partida e foi com todo esse entusiasmo que ouvimos o apito do árbitro soar e vimos a bola rolar, marcando, assim, o início do jogo e o fim de um sonho.

No começo da partida, tudo ia bem, pelo menos para alguém, como eu, que não entende nada de futebol. Até que aos 11 minutos “- aqueles 11 minutos-”, uma palavra, uma simples palavra entoada a plenos pulmões por Galvão Bueno mudou tudo. Se você chutou que essa palavra era gol, só que entoada com muitíssimos “o”, parabéns, você acertou. Porém, não se empolgue, não era hora de comemorar, pois, ao final daquela simples palavrinha não foi pronunciado “do Brasil”, mas sim “da Alemanha”.

Naquele exato momento, foi como se um balde de água fria caísse sobre todos na minha sala de estar e sobre

todos em todas as salas de estar brasileiras. Enquanto, acredito eu, nas salas de estar alemãs deve ter caído uma onda radiante de felicidade. Porém, como todo bom brasileiro é esperançoso e não desiste nunca, em um minuto, toda a minha família estava recuperada e pronta para ver a virada. Já que segundo meu tio, “melhor que ganhar, é só ganhar de virada”. Com essa sensação de que iríamos para final tendo vencido de virada, eu, minha família e praticamente todos os outros brasileiros acompanhamos os próximos 12 minutos de jogo sem tirar os olhos da TV, com esperanças de que no segundo seguinte o gol do empate viria.

Mas..., o que realmente veio foram aquelas três palavras, aquelas mesmas três palavras que marcaram para sempre a memória do povo brasileiro. Sim, você imaginou certo, as três palavras foram: “gol da Alemanha”. Dessa vez, não foi um balde, foi uma quantidade bem maior de água, algo como uma cachoeira seria bom para definir nosso desapontamento. Porém, como brasileiros que somos, ainda tínhamos esperanças que aquela seria a última vez que ouviríamos “gol da Alemanha”. Com certeza, não podíamos

estar mais enganados, na próxima hora, ainda ouviríamos “gol da Alemanha” várias vezes, para ser exata ouviríamos mais 5 vezes. Sim, você entendeu certo, naquela tarde ensolarada ouvimos gol da Alemanha 7 vezes, e me desculpe pelo spoiler.

Enquanto todos nós, no caso, eu, minha família e todos os outros brasileiros, tentávamos nos recuperar, o tempo parecia não passar. Lembro-me, como se fosse ontem, da sensação de já ter passado 5 ou 6 minutos e a Rede Globo continuar passando em *loop* eterno aquele maldito gol da Alemanha. E foi quando minha tia falou que percebi que essa sensação não era só minha. O que foi mesmo que minha tia falou? Ah sim, como esquecer, ela perguntou abismada qual a razão de estarem reprisando tantas vezes um mero gol. Meu primo a respondeu e, com essa resposta, o pesadelo começou. A resposta de meu primo era simples, não estavam reprisando um gol, aquele gol era diferente, era um novo gol. Para nosso espanto, já não sabíamos mais o que era gol e o que era reprise e começamos a nos perguntar quantos gols já tínhamos levado.

Nesse exato momento, como se pudesse ler pensamentos, Galvão Bueno nos respondeu, simplesmente falando o placar, aquele sufocante e surpreender placar. Estávamos perdendo de 5x0, em 6 minutos tínhamos levado 4 gols, 4 gols da Alemanha.

Ali, baldes e cachoeiras eram ineficazes para quantificar nossas decepção e tristeza, talvez as Cataratas do Iguazu sirvam como medidor. Já não tínhamos nossa típica esperança, naquele momento a derrota era visível, principalmente na fase dos jogadores que não acreditavam no que estava acontecendo. Felicidade era coisa só para alemão. No nosso lado, a euforia tinha sido substituída por melancolia e vergonha, vergonha..., vergonha, com certeza era o sentimento que representava toda a nossa nação naquele momento.

País do futebol? Uma simples expressão que por muitos anos foi a alcunha do Brasil. Naquele momento, parecia algo tão distante. Com certeza, não éramos mais o “País do Futebol” e também já não possuímos mais a realza desse esporte. Éramos apenas um povo envergonhado, representado por meninos mais

envergonhados e perdidos ainda. Por algum motivo, esses pensamentos invadiram a minha mente naquele final de 1º tempo e Intervalo de jogo. A única esperança era que o Brasil reagisse e fizesse alguns gols, não para termos uma vitória de virada, mas simplesmente, para o vexame ser menor.

Quando o 2º tempo começou, a derrota era visível no rosto de nossos jogadores e nada podia piorar ou, pelo menos, era isso que imaginamos, que o vexame já tinha sido grande o suficiente, mas ainda não tínhamos chegado ao fim do poço. Aos 24 minutos do 2º do Tempo, a prova de que o poço era mais fundo do que imaginamos balançou a rede e veio acompanhado do já previsível gol da Alemanha, só que cada vez que o Galvão gritava, parecia que mais desanimado seu timbre de voz ficava. O fim do poço só chegou mesmo aos 34 minutos do 2º tempo, quando a Alemanha marcou seu sétimo gol.

Após aquele sétimo gol, a esperança já havia morrido e não restava nem uma gota. Nada mais podia mudar aquela fatídica situação. Mas, como a sabedoria popular ensina: quando se chega ao fim do poço, o que resta é escalar de

volta para o topo. Nossa seleção nunca mais conseguiu alcançar o topo. Porém, no final do jogo, aos 90 minutos, um ato de misericórdia caiu sobre nós ou melhor um gol de misericórdia balançou a rede alemã. Enfim, após 90 minutos, conseguimos ouvir o tão sonhado “Goooooooool do Brasil”, mesmo que já não causasse felicidade como esperávamos. O único gol do Brasil na partida, não soou como um presente do jogador Oscar para nós brasileiros, nem como algo remediador, na verdade, pareceu somente uma pequeníssima dose paliativa para minimizar a dor por apenas alguns milésimos de segundo.

Instantes após o gol da misericórdia de Oscar, o árbitro apitou, assim, finalizando a partida que ficou conhecida como 7x1 e Mineiraço, mas, o vexame, o desapontamento e a tristeza não acabaram com esse apito. Na verdade, foi ao som desse apito e vendo o choro escorrendo pelo rosto de jogadores e torcedores que percebemos que não éramos mais o “País do Futebol” e que havíamos perdido nossa coroa. Provavelmente, não perdemos nossa alcunha e coroa nessa partida, deve ter sido um longo processo para perdê-las - porém isso é coisa para

um verdadeiro amante do futebol pensar e explicar para você - mas, ao fim do 7x1 que tocamos nossa cabeça e não sentimos mais a coroa, foi naquela fatídica terça-feira que percebemos que já não sabíamos mais quem éramos.

Depois daquele jogo, não me tornei uma amante do futebol e possivelmente jamais irei me simpatizar com qualquer tipo de esporte. Na verdade, somente voltei a assistir partidas de futebol na Copa da Rússia e constatei que o topo para sair do poço ainda está longe. Mas, espero ainda assistir muitas partidas e poder ver nossa seleção levantar as taças de hexa, hepta, octa, nona e decacampeão. Um dia quem sabe voltar a receber sua alcunha de “País do Futebol”.

PENSAMENTO EQUIVOCADO

Cadu Everton

Durante a minha segunda série do fundamental, a minha turma compartilhava a sala com a oitava série, que estudava no mesmo lugar, mas durante o turno vespertino. Um certo dia, eu cheguei na sala e vi vários cartazes pendurados, neles umas imagens de corpos amontoados com frases do tipo “O Holocausto”. Eu não entendia o que era, mas não me parecia ser algo bom. Como um aluno curioso perguntei à minha professora o que era aquilo, e ela me disse:

— O Holocausto foi algo terrível que aconteceu na Alemanha, eles caçavam judeus e os colocavam em câmaras de gás. Muitos fugiam para outros países, mas eram levados de volta para a Alemanha, onde morriam e por isso ficavam amontoados como nos cartazes pendurados na sala.

Achei aquilo um absurdo, e ao mesmo tempo muito triste. Como poderia os alemães matarem as pessoas daquele jeito?

Alguns dias depois, meu pai disse que iríamos viajar, e que o destino era a Alemanha, um lugar distante, onde há pessoas muito diferentes. Mas que eu não precisava me preocupar, pois para lá estaria indo também muitos brasileiros e que eu estaria me sentindo em casa. Foi o suficiente, me desabei em choro. Meu pai estava me enviando para o holocausto. Não queria morrer e ficar amontoado com um monte de gente que nem nos cartazes da minha sala de aula.

Apesar de pequeno, bati o pé no chão e disse que não iria para a Alemanha, pois eles eram malvados e caçavam os judeus - nem entendia direito o que era ser judeu, mas sabia que eles morriam nas mãos dos alemães.

— Não é nada disso que você está pensando, os alemães são muito legais. A gente está indo para assistir à Copa do Mundo. Você vai poder ver o Kaká e o Ronaldinho de perto.

Como meu pai insistiu que seria uma boa experiência, eu aceitei a ideia. Além disso, ele falou que eu ia ver muitos lugares legais.

Sim, foi muito legal ver várias pessoas de verde amarelo. A Alemanha nem parecia ser aquele lugar ruim que a professora tinha me falado. Lembro que no estádio tinha muita gente com camisas quadriculadas em vermelho e branco. Eu tinha achado o máximo, mas eles estavam contra o Brasil, ainda bem que perderam.

Meu pai havia prometido que eu ia ver o Kaká, só não disse que ia ser tão de longe. Eu nem conseguia distinguir direito ele dos outros. Mas tudo bem, as vibrações eram das melhores, muitos gritos e sorrisos. A alegria reinava, contudo, isso durou somente até a gente enfrentar os franceses. Ali era o fim, eu que só olhava entre as pernas dos outros, nesse dia assisti com ampla visão, pois todos estavam sentados e desanimados. Muitos estavam também chateados, nem falo o que diziam sobre o Zidani, os palavrões eram dos piores.

Foi aí que eu tive que voltar para casa, ainda cheguei a assistir à final, onde só tinha gente pálida. O azul não era vívido e o verde também não. Fora que, uma cor era só do lado dos franceses, e a outra, apenas do lado dos italianos. Minha família estava torcendo para a Itália, é claro.

Ninguém queria ver a França ganhar, eles haviam feito o verde e amarelo desaparecerem das belas ruas de Berlim. Fim da linha, acabou a copa. Tivemos que voltar para o Brasil, mas eu confesso que queria ficar mais um pouquinho.

Ao retornar para as minhas aulas, meus amigos todos estavam muito curiosos para saber como tinha sido a viagem. Até a minha professora havia me perguntado se eu tinha me divertido.

— Ora, tia Katiúcia, acho que a senhora estava enganada, eu gostei bastante de ir ao Holocausto. Acho até que poderia acontecer com mais frequência.

Graças a Deus, a criança cresceu e entendeu que naquela mente fantasiosa, as informações haviam sido mal compreendidas. O que aconteceu não foi culpa especificamente dos alemães, mas sim dos nazistas. E que um pensamento retrógrado como este esteve, infelizmente, em outros lugares, não somente na Alemanha.

JOGO DE ANIVERSÁRIO

João Timm Coutinho

Sempre soube que a gente lembrava de algumas coisas, esquecia outras, e algumas ficavam perdidas no meio. A gente lembra de uma parte e esquece o resto. Mas acabei de descobrir que as memórias se misturam, e isso pode acontecer com memórias que a gente nem sabia que tinha, e em grandes intervalos de tempo.

Eu nasci no final de junho, época de Copa do Mundo. Cresci ouvindo que eu cheguei em casa logo quando o Brasil foi penta, que eu dei sorte. Não é exatamente minha, mas é a primeira memória que tenho de Copa.

A segunda, que é de fato minha, é de 2010. No dia do meu aniversário, o Brasil ia enfrentar a Holanda pelas quartas de final. Muita animação antes do jogo, tensão durante e tristeza depois. Nunca soube de um parabéns mais desanimado e um aniversariante mais triste do que eu naquele dia.

Acontece que isso é mentira. Eu não minto quando digo que é disso que me lembro, mas não foi assim que aconteceu.

Naquele ano, o Brasil jogou contra o Chile no dia 28 de junho, no caso, meu aniversário, e venceu de 3 a 0. A Seleção só viria a perder para a Holanda 4 dias depois — eu sei que existem situações nas quais o aniversário é comemorado alguns dias depois, mas essa não é uma delas.

Solucionada a questão então, certo? No meu aniversário teve jogo, e o Brasil perdeu alguns dias depois. A derrota dói mais do que a vitória satisfaz, então minha memória sobre esses dois dias se misturou. Simples.

Mas eu não fiquei satisfeito com essa explicação. Eu sentia que a relação entre meu aniversário e a derrota era forte demais pra ser apenas um equívoco da minha memória. Então fui atrás da lacuna nas minhas lembranças: a Copa de 2006.

Eu não tenho memória de nada daquele ano, muito menos da Copa. Primeiro fui atrás das datas dos jogos pra ver se o Brasil jogou no meu aniversário. Não jogou. Teve jogo no dia anterior, 27, e três dias depois, 1 de julho. Até

aí ainda não fazia sentido, mas, como eu disse antes, existem comemorações atrasadas.

O dia 28 de junho de 2006 caiu em uma quarta-feira, e como adultos trabalham e crianças vão para a escola, a festa de aniversário foi no fim de semana: sábado, dia 1 de julho. O Brasil perdeu da França nas quartas de final por 1 a 0 e — de acordo com os adultos, já que eu não me lembro — nunca soubemos de parabéns mais desanimado que aquele.

Errado eu não estava de achar que o Brasil foi eliminado da Copa no meu aniversário. Eu só lembrava da Copa errada. Mas, pelo menos, acho que isso quer dizer que eu lembro de alguma coisa de 2006.

IV- MEMÓRIAS DE (E EM) FAMÍLIA

QUE TIME VOCÊ TORCE?

Evan Carvalho Cardoso

A casa da família Oliveira era uma casa em constante conflito. De um lado, os Oliveira Campos: petistas de corpo e alma, católicos que nunca perdem a missa de domingo. Do outro, os Oliveira Matos: anti-petistas convictos cuja missão neste mundo é converter todos os seus conhecidos e desconhecidos para a Igreja Evangélica.

Apesar do clima de constante tensão, uma verdade reina suprema: Oliveiras são, acima de tudo, corinthianos. Assim sempre foi, e assim sempre será. Era a vez de mais uma geração de Oliveiras serem iniciados na torcida. A escalação do time prometia fãs leais e dedicados, seguindo a tradição. À esquerda estavam as Oliveira Campos: Lorena, a caçulinha da família, e sua irmã Maria Clara – Clarinha para os íntimos. À direita, os Oliveira Matos também vinham fortes: Leo Henrique e Ana Luísa, ambos no auge de seus 6 anos.

Os veteranos estavam mais animados em acordar cedo em um domingo do que os nossos jogadores, mas isso

vinha com a prática. Marília, mãe de Clarinha e Lorena, pedagoga. Cristina, mãe de Leonardo, dona de casa. E Roberto, pai de Ana Luísa, caminhoneiro.

“Bom dia, bom dia, crianças! Hoje é um dia *muuuuuuito* especial!”, a voz de Marília adquirira o tom agudo e anasalado típico de um adulto tentando imitar uma voz infantil. “Vocês gostam de futebol?”, continuou.

Silêncio. A mulher ficou visivelmente decepcionada com a falta de entusiasmo dos pequenos.

Tia Cristina, porém, nunca fora uma pessoa paciente e já foi declarando: “Bem, agora vocês gostam, e são Corinthians!”. Era de se esperar que após criar quatro filhos e um neto ela teria adquirido mais dessa importante virtude, mas Cristina sempre fora uma mulher surpreendente.

“Por quê?”, perguntou Ana, que não se importava com esportes a menos que eles fossem os titulares dos filmes *Karate Kid* e *Kung Fu Panda*.

“Ora, pois são Oliveira! Todos sabem que Oliveiras são corinthianos”, disse Roberto como se isso fosse algo tão óbvio quanto a cor do céu.

“Assim sempre foi e assim sempre será!” completaram os outros adultos.

Ana Luísa ainda não ligava para futebol, mas concordou em ser corinthiana para agradar o pai e não ficar de castigo.

“E se eu não quiser?”, questionou Leo.

“Não tem isso de querer ou não!”, a pouca paciência de Tia Cristina havia acabado. “Não são Oliveiras? Logo são corinthianos. Se não forem corinthianos, não são Oliveiras. Simples assim!”

Isso fazia total sentido para Clarinha, que não demorou a declarar sua paixão pelo time. As outras crianças não pareciam compartilhar seu novo entusiasmo: a pequena Lorena estava roncando no sofá e Ana já perdera o interesse na discussão. E Leonardo... Maria Clara conhecia aquele olhar no rosto de seu primo.

A rixa entre os Campos e Matos começava cedo, mas os primos não ligavam para política ou religião. Suas preocupações eram de uma importância muito maior.

Clarinha gostava de coxa de galinha. Leo preferia bife. Clarinha era fã do Batman. Logo, Leo era fã do

Superman. Maria Clara amava ler gibis, então Leonardo amava os videogames. Por quê? Porque ela era Maria Clara, e ele era Leonardo. Assim sempre foi, e assim sempre será. E se Maria era corinthiana...

“Eu torço para o Palmeiras!”, exclamou o garoto para o horror de seus pais.

Caos, confusão e gritaria. Tentaram de todas as formas mudar a mente do menino: ele não precisaria comer os vegetais por uma semana. Nada. Não precisaria arrumar a cama por um mês. Nadinha. Ele poderia comer a sobremesa antes do jantar! Ainda palmeirense. Havia esperança? Como racionalizar com um menino obstinado de seis anos?

Maria Clara não estava gostando da situação. Eles eram Oliveiras, e Oliveiras eram corinthianos. Se Leo não era corinthiano, seria ele ainda um Oliveira? Segundo Tia Cristina, a resposta era não. A menina não era fã dessa ideia.

Ela era Clarinha, que gostava de coxa de galinha, Batman e gibis. Mas de que isso importava se não havia Leo, que gostava de bife, Superman e videogames?

Leonardo parecia extremamente satisfeito com o caos que causara. Maria Clara não podia simplesmente dizer que queria que ele fosse corinthiano. Ele iria apenas torcer para o Palmeiras com ainda mais convicção! Rapidamente, sua mente de 7 anos elaborou um plano para evitar essa catástrofe.

Os adultos estavam atordoados demais com o ocorrido para questionar Clarinha, quando ela arrastou seu primo para o seu quarto, onde puxou uma caixa de sapatos de seu esconderijo embaixo de sua cama. Ali era onde ela guardava sua preciosa coleção de gibis.

Respirando fundo, estendeu a caixa para o garoto como uma oferenda de paz, “Você fica com gibis.”

“Mas você gosta de gibis.”

“Não se você gostar. E há mais gibis do Superman do que videogames.”

Leo sorriu ao ouvir isso e já foi estendendo suas mãozinhas melequentas para a caixa, mas Maria ainda não havia terminado sua proposta.

“Você fica com os gibis, mas só se você torcer para o Corinthians.”

Leonardo considerou os prós e contras da oferta.
Valia a pena?

“Okay!”

Sorrindo, Maria Clara lhe deu a caixa de gibis. Ao voltarem para a sala, Leo não demorou a anunciar: “eu sou corinthiano!”. Todos os adultos suspiraram em alívio. A crise havia sido evitada!

Ninguém reparou em Clarinha ligando o PlayStation 2 em meio à comemoração. Nem deveriam. Afinal, ela era Maria Clara de Oliveira Campos, 7 anos. Ela gostava de coxa de galinha, era fã do Batman e amava videogames. Assim sempre foi, e assim sempre será.

O QUE A PRANCHA TEM QUE EU NÃO TENHO?

Maria Clara Abaurre

Quando fiz um ano de idade, meu pai foi para a Indonésia surfar. É claro que eu não me lembro disso, mas ele me trouxe uma roupinha azul com uma prancha desenhada que guardo até hoje.

Tenho uma foto do meu aniversário de três anos tirada pelo meu pai. Eu estava na mais pura felicidade, com uma coroa de plástico e uma camisa de surfe que ele tinha me dado. Nessa época meu pai me levava à praia e ao clube e eu adorava. Não ligava nem um pouco de ficar largada na areia enquanto ele surfava. Minha mãe, sabiamente, me colocou numa escolinha de natação.

Por volta dos seis anos, vi meu pai parar dentro d'água e ensinar algo a um garoto pouco mais velho que eu. Foi então que eu decidi que aprenderia a surfar. Na minha cabeça era como juntar as letras das palavras: se eu surfasse, meu pai me amaria! Ele me ensinaria tudo que eu precisava saber e a gente passaria muito tempo juntos! Era o plano perfeito...

Naquele ano, meu pai se mudou. Eu cheguei a ficar doente, mas ele explicou que lá tinham muitas ondas e eu entendi. Ele amava surfar – e eu ia amar também. Era um lugar muito longe e eu só fui visitá-lo uma vez, era preciso pegar, no mínimo, dois aviões. Eu aprendi rapidamente o nome da cidade: Florianópolis; e anunciava a todos que meu pai estava lá, surfando.

Fui parar numa escolinha de surfe. Naquele tempo, eu era a única menina na água, e provavelmente a mais nova do grupo, mas nada disso importava. Eu amava a água salgada e o frio na barriga antes de descer em uma onda.

Quando meu pai voltou, íamos surfar quase todo final de semana. Meu pai sempre elogiava os garotos, mas brigava comigo. Eu tinha que dropar mais rápido, não podia apoiar o joelho na prancha e precisava de mais força no braço. Eu não gostava, mas pensava que, quando eu fosse realmente boa, ele não ficaria mais bravo comigo.

Uma única vez meu pai me levou ao cinema, e adivinha: era um documentário sobre surfe. No auge dos meus sete ou oito anos de idade, eu não conseguia acompanhar as legendas, mas fiquei ali olhando para o azul

da tela e suas ondas enormes. Meu pai me contava de todas as viagens de surfe com os amigos dele e dizia que, quando eu crescesse, ia me levar também: El Salvador, Bali, e quem sabe até para África do Sul!

Aos dez anos ele me deu minha primeira prancha de fibra. Era linda. Uma *fish 6'0 triquilha*, com uma flor rosa desenhada e meu nome atrás. Nós fomos para o Rio surfar. Foi bom, mas eu ainda estava longe de ser tão boa quanto qualquer outro e levava cada vez mais broncas.

As ondas foram perdendo o encanto. Eu ainda surfava nos finais de semana, mas deixou de ser uma prioridade. Pensava que nunca seria boa o suficiente para ele. A nossa relação esfriava e a cada dia eu perdia mais e mais o ânimo para surfar. Quando entrávamos na água era terrível: as brigas, os caldos, a falta de força... Eu já não era mais parte dos planos para as viagens, mas será que algum dia eu fora?

Passei a detestar as camisas de surfe e todos aqueles garotos que sempre seriam melhores que eu. Me perguntava por que meu pai preferia o surfe – ele perdera aniversários, festas juninas e dias dos pais... A gente brigava cada vez mais e ficava meses sem se falar. Ele aparecia com quilhas

ou um *strep* novo e as mesmas desculpas esfarrapadas, mas já não fazia muita diferença.

Aos 17 anos, resolvi dar uma última chance – pro meu pai e pro surfe. Fui para Santa Catarina e até levei minha prancha cor de rosa. No quarto dia da viagem, o clima já estava tenso e nós tínhamos dado azar com o mar: eu ainda não pegara uma única onda. Não lembro muito bem o motivo da briga, mas sei que foi feia, daquelas que levamos anos para deixar de lado. Eu só queria ir embora. Juntei minhas coisas e peguei um táxi sozinha para o aeroporto. Não parei para pensar no que aquele momento significava até chegar em casa. Só então percebi que tinha deixado a prancha lá.

Foi quando entendi que eu nunca venceria a prancha. Para o meu pai, a prancha era liberdade absoluta. E uma filha nunca seria isso, nem com todo o esforço do mundo. Uma filha exigia compromisso, tempo, atenção e paciência... Chorei por ele, pela prancha e pelas viagens de surfe que nunca faríamos.

Me demorei olhando para o mar. Decidi, por entre o som das ondas que quebravam na areia, que já era tempo de

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

buscar meus próprios sonhos, minhas viagens e alguma dose de liberdade.

A ROLETA RUSSA DO FLUMINENSE

Marina Bittencourt Correia Guimarães

Meu pai sempre foi um homem distante, mesmo na minha infância. Meus desenhos coloridos e infantis não o impressionavam, minhas histórias fantásticas não o prendiam. Um homem simples desde sempre. Escutava seu samba, bebia sua cerveja, e aos domingos assistia o Fluminense jogar, era seu time do coração. Nunca gostou de muitas coisas, mas ah o futebol... Apaixonado desde moleque possivelmente foi sua única paixão na vida, não tenho certeza sobre sua esposa e filhos, mas o futebol... O bendito, glorioso, amável futebol prendia seu interesse nos seus noventa minutos — e comerciais — completos.

Colecionava memorabilia: camisetas, canecas, bonés. Todos estampando as cores do Flu — verde, vermelho e branco — e seu escudo. Levantava para cantar o hino emocionado onde quer que estivesse, ainda me lembro de ficar por horas em qualquer restaurante com uma TV nas tardes de domingo, porque ia começar o jogo, não dava tempo de voltar para casa e ele não podia perder. Nunca se

dedicou tanto a nada — fora sua carreira militar — como se dedicou àquele esporte com homens suados correndo em campo atrás de uma bola. Desde menino assisti todas as partidas, se perdeu alguma foram poucas. E ele perdia os óculos na hora de ler algo com letras pequenas, perdia até o celular dentro da casa algumas vezes, perdia apresentações de balé, teatro, competições de natação do meu irmão, feiras de ciência, aniversários, perdia muitas coisas.

A hora do jogo eram horas sagradas, a sala de estar era o santuário, a camisa, o manto sagrado, e a televisão, o altar. Seus gritos eram preces para os deuses do futebol perante da roda da fortuna que era a partida, e o placar resultava em bênçãos ou maldições para nós: sempre que o Flu — era como ele chamava — ganhava ele se tornava o homem mais feliz do mundo, bebia em comemoração, ria alto como não ria durante a semana inteira, beijava minha mãe, me dava beijo na bochecha, até o meu irmão abraçava, qualquer coisa que quisesse poderia pedir para ele naquele momento de êxtase que ele o daria... Mas quando perdia... Não havia beijos, abraços, não havia pedidos ou

milagres capazes de salvar qualquer ser da sua fúria, ainda haviam gritos, desta vez de outra natureza.

Eu nunca assistia aos jogos, nunca entendi de futebol e ele não gostava de perguntas, sobre o esporte ou quaisquer outras, eu era inteligente, já deveria saber as respostas. Então me mantinha no quarto, ocupada com as histórias extraordinárias que criaria para o dia, é evidente que uma garotinha gostaria de passar tempo com o seu papai, mas ele está ocupado, está trabalhando, vendo o jogo, cansado, não está lá agora, mais tarde ele vê isso.

Com o tempo aprendi a identificar se o jogo estava indo bem sem ter que pisar na sala, depois do primeiro tempo, se ele se mantinha quieto o Fluminense ia perder, se até o fim ainda haviam gritos eles ganharam, ou empataram — o que não era tão ruim. Se o caso era o primeiro eu me mantinha nas histórias, esperava ouvir ele passar pelo corredor para só então sair, se o caso era o segundo ia perguntar se havia sido empate ou vitória e então o parabenizava.

Meu pai sempre gostou das coisas que gostou e gostou sozinho. Sempre me prometeu muitas coisas, entre

elas me ensinar a dirigir e uma camisa grená do time, sempre quis me dar, mas o presente nunca chegou, no fundo sempre teve esperança que eu gostasse da sua paixão pelo menos um pouco, mas depois de tantas tardes no quarto com os meus cenários inventados passei a gostar mais de arte do que de esporte, na arte não haviam gritos ou a roleta russa da maldição ou benção.

PULANDO DA PRANCHA

Pedro Guilherme Costa Massa

Para escrever essa crônica, fiz a seguinte pergunta a mim mesmo: é possível realizar um parto em uma prancha de surf no mar? Mesmo não encontrando nenhuma evidência de que isso fosse possível ou já tenha acontecido, na cabeça do meu pai o parto dos seus três filhos seguiria esse padrão. Seria como o nascimento do antagonista Tank Evans, da animação *Tá Dando Onda*, mas ainda bem que dessa vez a realidade não seguiu a ficção. Mas a minha existência sabe muito bem se entrelaçar com a história desse esporte, que tem meu pai como um certo retrato.

A nova onda, literalmente, da década de 60 no Brasil era o surf e a cultura que girava em torno da prática. O garoto do Méier que descia para o litoral carioca possuía suas próprias referências. O paraíso próximo não estava nas igrejas, mas se estendia pela costa. Esse esporte possuía para o meu pai uma influência mítica. Prometheus não deu aos homens o fogo, ao invés disso trouxe a prancha com fibra de vidro da Califórnia. Mas onde eu entro nessa

história? Parece uma novela, mas a garota do centro da cidade se atraiu pela figura descolada da praia.

Na infância, o pai e um dos precursores do surf na minha cidade natal, Maricá, se confundiam. Crescendo em torno de histórias de juventude movidas a parafina e a lendas, fui absorvendo esse universo cultural. “É só subir em uma prancha e realizar diversas manobras utilizando as ondas para te levar. Durma com Deus, filho”. A descrição e funcionamento do surf eram muito claros na minha cabeça.

Mas a ressaca surgiu no mar da minha mente. O projeto de me tornar uma espécie de Gabriel Medina, campeão mundial de surf, existiu em alguma realidade paralela cultivada pelo meu pai, mas não na minha. Sem nenhuma força das marés me derrubando, fui eu quem decidi pular da prancha. Pular de uma vida esportiva que eu verdadeiramente não desejava. Cair no mar passa a se tornar não mais um sinal de fracasso, mas de liberdade.

Dessa forma, pular da prancha significou não só abandonar esse esporte, mas como em descobrir a prática em que realmente me adaptava. Já que filho de peixe, peixinho não é, ele tem que se acostumar fora daquele

oceano. Nesse ponto, o esporte se mostrou muito além da prancha e do mar. Ele levava a uma série de práticas e identidade, as quais eu também não me adequava. Essa espécie de descoberta esportiva, ou não-esportiva, evidencia um outro lado da pressão no esporte. Não foca na expectativa por rendimento, e sim no anseio por se adequar a um mundo que não gosta.

DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO

Victoria dos Reis Borges

Nunca fui muito fã de esportes. Para falar a verdade, eu sou do tipo de pessoa que nem sabe ao certo quantos jogadores entram em campo numa partida de futebol. Na escola, as aulas de Educação Física costumavam ser um grande pesadelo e eu sempre inventava uma desculpa para não precisar participar delas. Sinceramente, hoje em dia eu só corro se for atrás de ônibus (e olhe lá).

Só que eu cresci no “país do futebol” — ou, melhor dizendo, fui criada por um avô que religiosamente assistia e comemorava todos os jogos do Palmeiras às quartas e aos domingos. No dia seguinte, ainda ligava a televisão nos mais diversos programas esportivos possíveis para rever e vibrar novamente com os melhores momentos da partida. Me lembro de chegar da escola e almoçar assistindo Jogo Aberto, quando, de fato, eu só queria ver meus desenhos animados.

Em resumo, mesmo que eu não levasse jeito nenhum para a coisa (e nem me importasse tanto assim com

ela), fugir desse universo futebolístico nunca foi uma opção para mim — e como diz aquele ditado: se não pode contra eles, junte-se a eles. Assim, eu passei a assistir todos os jogos junto com o meu avô, mesmo sem entender muito bem o porquê de aquelas pessoas correndo atrás de uma bola serem tão importantes para ele. Naquele sofá marrom, celebrávamos juntos os gols e lamentávamos as derrotas.

Curiosa inata, eu pesquisava sobre a vida dos jogadores e sobre a história do time, coisas que me interessavam bem mais do que efetivamente assistir aos jogos — a verdade é que sempre fiquei muito admirada com esse amor fervoroso de alguns torcedores pelos seus clubes, mas infelizmente nunca fui uma dessas pessoas, ainda que tentasse. Meu avô me comprava camisetas, canecas e bandeiras. Tudo era verde e branco. Tentando deixar o legado de seu amor pelo “verdão” com a sua, até então, única neta, ele me ensinava a letra do hino e os gritos da torcida. Cantávamos juntos no carro, durante idas ao mercado.

O tempo passou, acabei mudando de cidade junto com a minha mãe e, longe do meu avô, o futebol deixou de

fazer sentido também. Os bons momentos viraram memória e, nestes quase 12 anos, nunca mais assisti nenhum jogo, não sei o nome de um único jogador e, do hino do Palmeiras, só lembro de poucos trechos. Hoje em dia, quando me perguntam se torço para algum time, eu normalmente respondo que não, mas quando chego na casa do meu avô, ainda há uma plaquinha escrito “aqui dorme uma palmeirense” na porta onde ficava o meu quarto.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

V- ESCOLINHA DE FUTEBOL

ME SALVEI DO FUTEBOL

Freddy Afanasenko Sanches

“Só sei que jogar futebol não sei”. Esta poderia ser a frase do grande Sócrates - o filósofo, não o jogador -, mas é minha mesmo, ou, pelo menos, a paráfrase é. O futebol, que para a maioria dos brasileiros é o melhor esporte que existe, à mim foi o “chute inicial” para o autoconhecimento já na infância - se é que isso é possível-, descobrindo algo que frustrou meu fanático e palmeirense pai e que me diferenciou da maioria dos outros meninos: Eu não gosto de futebol!

Sendo o primeiro filho de um palmeirense “verde”, com quatro anos fui colocado em uma escolinha. Durante os treinos, aquilo que enchia os olhos do meu pai de orgulho, enchia os meus de medo... de levar uma bolada na cabeça. Jogando com crianças de até seis anos - e, portanto, com pernas mais fortes -, a vida já me convidava a exercitar meu instinto de sobrevivência com biológicas e instintivas táticas, como correr no sentido contrário à bola ou permanecer pelo máximo de tempo possível atrás de algum

adversário, anulando assim as chances de receber uma falta violenta ou pior: a bola ser passada pra mim.

Um dos aprendizados de vida que ganhei, já aos quatro anos, enquanto me esforçava para gostar do futebol, é que a verdade se encontra mais nas atitudes do que nas palavras. Durante um campeonato interno da escolinha, tomei cartão amarelo por tirar a camiseta em uma partida, amarrá-la no pescoço e correr como o super-homem. Foi ali que meu pai percebeu - através das atitudes - que seu pequeno palmeirense não gostava daquele esporte, quem gostava, era apenas ele mesmo.

Aos pais futebolistas de coração talvez seja difícil conceber a ideia de que seu “pequeno torcedor” possa não ter suas mesmas vontades e desejos. Se com minha belíssima atuação de “super-homem” meus pais tivessem percebido uma predisposição para o teatro, talvez hoje eu fosse uma Bruna Marquezine. Que fique claro, não culpo meus pais por não terem notado em mim vontades e aptidões que nem eu mesmo conhecia, assim como não os culpo por terem me feito passar pelo futebol já na infância,

sei que era apenas uma tentativa de ver seu filho também gostar de suas próprias paixões.

O mais importante é que, após esta minha gratuita e grandíssima apresentação durante aquele jogo, conquistei o direito de escolher sobre continuar a jogar ou não, assim como gostar, ou não, de futebol, independente da vontade do meu pai, e, apesar da diferença que ali surgia entre nós, o respeito passou a existir desde então e hoje continuo me sentando ao lado dele diante da TV sem maliciosamente perguntar: “O que será que tá passando nos outros canais, hein?”.

TEMPO DA FRALDINHA

Theo Sales

Ai que saudade que eu tenho daqueles tempos em que eu me amotinava junto a outros vários moleques no portão da quadra da escola. Ficávamos todos à espera do nosso treinador, aquele ser de cabelos grisalhos que chegava com um sorriso no rosto e saía vermelho feito o diabo. Vermelho de tanto nos xingar. Ai... que maus tempos eram aqueles.

Permita-me explicar: éramos um bando de pivetes na casa dos 8 ou 9 anos, que fazia parte do time de futsal. Com aquela idade a gente jogava na categoria fraldinha. Mal tínhamos saído das fraldas e já estávamos nas chuteiras, como bons meninos nascidos nesse grande país chamado Brasil. O bom e velho futebol de cada dia nos chamava naquelas tardes de terça e quinta. No caso era futsal, o irmão menos amado do futebol, mas era parecido o suficiente.

Para treinar aquela pirralhada, a escola tinha destinado um tal de Sibite, como era chamado. Aqueles nossos dois encontros semanais na quadra eram uma mistura de ansiedade e medo. A ansiedade vinha duas

vezes: primeiro para ver os amigos, essa era boa, e depois enquanto esperava o medo tomar conta, não tão boa. A verdade é que o Sibite não era dos mais delicados, ainda mais se levar em consideração que éramos apenas meninos fraldinhas.

Nos treinos ele passava os exercícios e a gente executava. Mas queria eu que fosse só isso. Sibite usava uma técnica um tanto duvidosa para nos incentivar, se é que posso chamar aquilo de incentivo. Ele costumava nos acompanhar com seus xingamentos delicados. “Acerta essa porr@ de passe”, gritava ele com raiva em nossa direção. E isso é só uma parte. Posso dizer que além do futsal, aprendi com Sibite todo um dicionário de palavrões, do tipo que toda mãe coraria ao ouvir seus filhos falarem. E coravam quando o escutavam xingando nos jogos. Sibite chegou a ser expulso de uma partida oficial de tanto falar palavras de baixo calão.

Imagine então para um pequeno rapaz em seus 8 anos. Eu tremia de medo só de ver a bola chegando em meus pés. Eu praticamente corria da bola, o que não tinha resultados muito melhores. Veja, se eu pegasse a bola e errasse o passe,

era um grito no meu ouvido. Se a bola viesse na minha direção e eu fugisse, era outro grito. No fim, sobravam gritos para todos os lados. Eu não queria correr da bola, eu queria era correr dos gritos, eram deles que eu tinha medo.

Eu nunca cheguei a entender o temperamento agressivo daquele treinador. Ele fazia parecer que era natural aquele ar tóxico que pairava nos treinos. Coisas de homens, diziam. De qualquer forma, era-me impossível aproveitar o futsal; continuava só por causa da pressão dos amigos de time. Ansiedade, nervosismo, terror, todo tipo de sentimento me vinha naquelas horas, menos prazer em jogar.

Bom, pode-se dizer que o método violento de Sibite deu resultado: vencemos o campeonato. Eu não me sentia campeão, mas pelo menos ganhei uma medalha de ouro bem legal. Depois de um tempo parei de treinar futsal, um ano e meio de xingamentos foi suficiente para mim.

As fraldas saíram, e as chuteiras foram junto. Saí um tanto quanto traumatizado também, porém, hoje em dia já consigo me divertir em um rachinha de final de semana com

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

os amigos. Acima de tudo, hoje eu posso dizer que corro até a bola.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

VI- REFLEXÕES

UM BRINDE AOS RECOMEÇOS

Ana Claudia de Faria

Na infância a inquietude sempre me acompanhava, em casa e na rua onde eu brincava. Passei grande parte da infância brincando com os vizinhos, de queimada, futebol e polícia e ladrão, e por ser a única menina da turma, era sempre a carta branca, às vezes me causava um chateio, mas com o tempo fui sendo tratada como parte da turma.

Pulava, gritava, rodopiava e a única coisa que não se pensava era parar, até que um dia eu parei e como já dizia o cantor Lenine: “a vida veio pedindo um pouco mais de calma”. Meu fêmur cresceu um pouco além da conta, e tive que trocar os domingos de queimada por uma cama e visitas em casa. Passei a observar dali tudo que um dia minha inquietude não conseguia deixar de ser percebida - correr, brincar e saltitar demais-, é claro que era apenas uma criança, mas ficar 6 meses sem andar já me trouxe uma maturidade grande.

Era perceptível todas as inquietudes dos adultos, ou como algumas crianças falam: pessoas grandes, foi aí que

percebi que quanto maior ficamos, mais preocupados nos tornamos, mas eu, mais uma vez, era apenas uma criança e, como pequena, ainda me questionava: Porque eles não correm? Ou brincam como a gente? E meu tio uma vez me respondeu “porque somos grandes” e mais um questionamento me veio: “E são infelizes?”. O silêncio tomou conta daquele momento e quando achei que não ia ouvir mais nada ele disse “não, somos apenas grandes”.

Às vezes me carregavam pra ver as crianças brincando, como eu não podia, apenas observava, a vontade de estar com elas crescia cada vez mais, e de estar com adultos cada vez menos, adultos eram sérios demais, e na minha concepção deveríamos todos ser sérios de menos.

Foram de 6 a 9 meses apenas observando, o mundo, os adultos, as crianças e a natureza. Já estava quase me esquecendo de mencionar que passei minha infância tendo um contato gigantesco com a natureza, meu quintal era repleto de árvores, uma horta enorme, muitos animais, que não eram presos, eles apenas apareciam ali por alguma dessas intervenções humanas, ou como gosto de dizer, “agressão à natureza”. Saracura, lagarto e às vezes algumas

cobras, eles vinham em busca de água, mas medo, nunca tive muito, a natureza é tão certa que sabíamos o horário dos bichos saírem e evitávamos de ir até o lugar, e pasmem; eu vivia na cidade, mas minha casa ficava nesse lugar abençoado.

E quando já tinha me acostumado a observar, foi a hora de recomeçar. Recomeçar a andar, recomeçar a brincar, recomeçar a andar de bicicleta; nosso cérebro às vezes esquece como exercemos alguma atividade e temos que aprender a fazer de novo. Aprender a andar de novo com 8 anos de idade foi um desafio, parece simples ter que levar um pé depois o outro, mas quando passa um tempo sem exercitar, fica um pouco mais desafiador mesmo. Mas foi bom, deu tudo certo e carrego comigo até hoje que a vida sempre é uma incerteza, talvez o que achamos que já sabemos, vamos ter que aprender novamente. E “tá” tudo bem.

MINHA DUAL RELAÇÃO COM O ESPORTE

Ana Paula Alves

Esporte. Substantivo masculino. Conjunto de atividades ou exercícios físicos praticados com método, de forma individual ou em equipe, com fins de entretenimento, recreação ou condicionamento corporal. Isso é o que qualquer um encontrará se procurar em um dicionário ou pesquisar no google sobre o que significa “esporte”. Entretanto, esse substantivo de sete letras, dividido em três sílabas, pode ter significações muito mais poderosas.

Para uma criança, esporte é diversão. Para quem busca mais saúde, física ou mental, é um meio. Para um atleta, é sua vocação. Para *uma* atleta, além de vocação, é resistência contra preconceitos. Para uma nação, o esporte pode ser seu orgulho.

Equipe. Saúde. Diversão. Autoaceitação. Liberdade. Empoderamento. Satisfação. Trabalho. Superação. São inúmeras as coisas às quais o esporte pode remeter.

Para mim, por exemplo, ele sempre foi dualidade. Minha vivência com esporte, atividades físicas, foi um misto de felicidade e sofrer.

Na infância, em casa, sob a proteção amorosa da família, a atividade física era prazerosa, se resumia a brincadeiras, correr no quintal com os cachorros, jogar bola com meus pais, andar de bicicleta em círculos até cair e me ralar inteira, dar cambalhotas, pulos, saltos mortais e estrelinhas, muitas vezes fracassados. Certa vez, até mesmo me ocorreu a brilhante ideia de descer uma ladeira de bicicleta, sem usar as mãos, e me ralei inteira novamente. Apesar dos tombos e machucados, era minha diversão, segundos antes de me machucar, experimentava emoções indescritíveis, felicidade e adrenalina absolutas. Não tinha muita companhia para essas aventuras, mas meus pais e cães me bastavam.

Porém, ninguém vive sob o conforto do lar o tempo inteiro. Dentro da escola, minha relação com o esporte não era a mesma, não era prazer, diversão e adrenalina. Na escola, eu vivia uma rotina. Quando sorria e me aproximava de um colega, ele se afastava, quando me virava para outro,

ele me olhava e se voltava para o lado oposto, como se não notasse minha presença, quando eu decidia tentar conversar, as respostas eram duras, às vezes até com um pedido explícito para eu me afastar. Se alguém fosse minimamente gentil e parecesse querer me incluir na brincadeira ou conversa, logo eu descobria que era por pena. Ou por que a professora dera uma bronca sobre ser mau comigo. Isso continuava quando chegava a hora das aulas de educação física, era sempre a última a ser chamada na brincadeira, se fosse um jogo com times, era ignorada pelo meu, eu podia gritar e erguer os braços, mas quando me viam, simplesmente se viravam para outra pessoa.

Durante a minha infância, já vinham borbulhando discussões sobre o *bullying*, como ele era algo prejudicial e que não devia ser tolerado, entretanto, na prática, toda essa discussão não significou muito no cotidiano escolar. E assim, a exclusão deformou minha relação com diversos aspectos da minha vida, incluindo o esporte. Já não era animadora a ideia de ir jogar bola, correr ou fazer qualquer atividade na educação física, pois eu sabia que mesmo que eu me esforçasse, corresse e tentasse, de qualquer forma,

participar minimamente da brincadeira, eu seria ignorada ou ririam de mim. Era como se todas as brincadeiras fossem “bobinho”, em que um grupo de pessoas joga a bola entre elas, e uma outra tenta interceptá-la, e no meu caso, eu sempre era essa última, todas as vezes tentando desesperadamente alcançar a bola e sempre fracassando. Com isso, criei um desânimo com atividades em equipe, que perdurou ainda por muitos anos da minha vida.

Essa dualidade, entre diversão e desânimo, ainda se estendia mais, pois o que eu não encontrava na escola, a sensação de estar em um time, o reconhecimento do meu esforço, a satisfação em atingir pequenos objetivos, eu podia ter nas aulas de natação. Nadar sempre foi uma das coisas que eu mais gostava de fazer, eu esperava ansiosa pelos dias das aulas, pensando em objetivos como prender a respiração por mais tempo e fazer o pulo mais radical que eu conseguisse. Era um esporte que eu ficava feliz em me dedicar, em tentar atingir meus limites e progredir cada vez mais. Eu tinha um verdadeiro prazer em ficar na água, nadando e dando voltas submersas. Não por acaso, quando criança, minha princesa favorita da Disney era a Ariel.

Mais tarde, a natação até mesmo me ajudou a aceitar o meu corpo enquanto eu crescia. Principalmente para garotas, conforme os anos passam, uma grande pressão paira sobre nossos corpos, e começamos a ver milhares de defeitos, coisas que daríamos tudo para poder mudar. Para mim, um desses defeitos eram meus ombros. Achava que eles eram muito largos para uma garota, que isso fazia meu corpo ser desproporcional. Tamanha a neurose que é injetada em meninas e mulheres durante sua vida. Odiava usar regatas ou camisas justas nos ombros, odiava quando os olhava no espelho. Até que alguém me disse que meus ombros eram assim por conta dos exercícios de natação. Se é verdade ou não, eu não sei, nem me importa, pois a partir disso, minha perspectiva com essa parte do meu corpo mudou totalmente. Afinal, como algo poderia ser feio, desproporcional, se foi causado por uma atividade que eu tinha tanto prazer e orgulho em fazer?

E enfim, na adolescência, esses contrastes na minha vivência com atividades físicas diminuíram, mas não se extinguíram. Exclusão não era mais um problema. Eu tinha boas amigas do meu lado, o que tornou tudo mais feliz.

Além da natação, passei a jogar handebol, que descobri ser outro esporte que adoro. Ainda assim, sempre há altos e baixos, em um ano fui uma goleira de destaque no time, no outro, me dediquei o ano inteiro para ser a eterna reserva.

Talvez a vida seja toda feita dessas dualidades, felicidade e desânimo, prazer e sofrimento, acolhimento e solidão. Isso se aplica em muitos aspectos, relacionamentos, família, escola, faculdade, trabalho. O esporte é só mais um exemplo disso. Vão ter momentos da minha vida que serão incríveis, e momentos que me sentirei péssima. Ainda tenho dificuldade em lidar com isso, com tempos ruins e lembranças sofridas, mas aos poucos vou aprendendo, e minha relação com o esporte também é parte disso.

MANIFESTO

Beatriz Sardinha

Como é possível se manter motivada quando já se sabe de antemão que não há chances? De que forma uma menina se incentiva a jogar pela escola, quando nem existe um time feminino? E quando há a divisão de times na turma da educação física, e todos os meninos são escolhidos antes das meninas. Pior que isso é quando meninos e meninas têm aula separadamente, e eles com mais tempo de aula para a prática.

Somente em 2016 a Conmebol anunciou que, para que um time da categoria masculina possa competir em seus torneios, há a obrigatoriedade da existência de um time da categoria feminina. E assim, somente quando colocados contra a parede e diante do risco de perderem a oportunidade de disputarem a “glória” da Libertadores, é que se iniciou uma mobilização maior pela criação e administração das categorias femininas no futebol brasileiro.

Certamente existem influências para que uma criança se sinta motivada para a prática esportiva. Mas classificar minha paixão pelo esporte e afirmar que meu clube o é apenas porque corresponde ao mesmo de meu pai ou de qualquer outra figura masculina relevante, mostra-se apenas como uma justificativa simplória e ingênua. Me perdoem aqueles que creem piamente na idolatria pela figura masculina cis heterossexual, mas o que buscamos é uma identificação com um grupo, até por isso se leva tão a sério a correspondência dos clubes com as cores e símbolos de seu escudo.

E como é difícil pertencer a grupos que constantemente objetificam e julgam corpos e subjetividades. Você discorda que o esporte é hostil às mulheres? Quantas meninas já não se afastaram do esporte na juventude pois se postula que a atividade física não é compatível com os padrões sociais de feminilidade? O ápice dessa mentalidade acontece na associação automática da habilidade ou do gosto pelo esporte à sua orientação sexual - afirmação que se assemelha a uma piada quando falada em voz alta, inclusive.

A aspiração do texto não é que a essência do esporte feminino seja igual a do masculino, e duvido que outras entusiastas do esporte queiram isso. O anseio é o mínimo de condições estruturais dignas para a prática do esporte feminino. A chave é entender que a motivação das mulheres pela prática esportiva está nelas mesmas, apesar de todo o resto que as envolvem. O esporte trata muito sobre o poder: no conhecimento dos limites do corpo e também na própria mecânica de uma modalidade.

Como me sentir incentivada a treinar basquete, mesmo sabendo que certamente nunca enterrarei uma bola. Para aqueles alheios ao basquete, a enterrada é um dos movimentos mais plásticos da modalidade e é utilizada nos jogos como um fator de “dominância”, a partir de um salto e a suspensão momentânea do atleta no ar, até se pendurar no aro adversário.

A LBF (Liga de Basquete Feminino) foi uma das primeiras competições profissionais a promover um campeonato oficial de enterradas, em 2018. A liga abaixou o aro em 30 cm, permitindo que algumas das atletas mais altas e com maior capacidade de impulsão pudessem fazê-

las na exibição. Um exemplo nacional de regulamento digno do esporte feminino, melhor que isso talvez fosse a diminuição permanente, para que as enterradas passassem a fazer parte do basquete feminino brasileiro.

Ao fazer essa afirmação, não ignoro as diferenças físicas da parábola do arremesso. No entanto, o voleibol feminino mundial apresenta rede um pouco mais baixa que a masculina, obviamente pois a estatura média das jogadoras é menor que a dos jogadores. Não há dúvidas que a angulação do movimento de ataque do voleibol feminino foi alterada com a mudança, o que não implica um decréscimo técnico do esporte.

O empecilho em promover mudanças como essas não se encontra em funções matemáticas e modelos físicos, mas sim no reconhecimento da dignidade do esporte feminino.

O ESPORTE E A NORMATIZAÇÃO DA MICROVIOLÊNCIA

Filipe Albessu Narciso

Em 2013, setores conservadores e religiosos da sociedade francesa foram às ruas protestar contra o projeto de lei que permitiria o casamento homossexual e a adoção e reprodução assistida de casais homossexuais. Esse movimento, que se dizia “em defesa da criança”, fez o filósofo trans espanhol e expoente da Teoria Queer/Estudos Transviados Paul B Preciado escrever o texto: Quem defende a criança *queer*?

Quando tinha seis anos, pedi a meus pais que me colocassem numa escolinha de futebol. Meu pai sempre foi um grande torcedor do São Paulo (não do nível fanático, mas bem aficionado). Por pressões estruturais atreladas à sociedade patriarcalista que convencionamos, também me declarava torcedor do seu time. Como não existiam escolinhas próprias do São Paulo em Taubaté, fui colocado em uma do Santos.

Minha relação com o esporte virou uma longa história de humilhação. Eu era o mais jovem da turma. Enquanto os outros meninos tinham em média oito, nove anos, eu tinha apenas seis. Algumas imagens surgem a memória como karmas de vida passada, peso excruciante na consciência. Talvez se eu tivesse perseverado, o fato de eu ter começado tão jovem teria feito uma grande diferença na minha qualidade enquanto jogador. Não perseverei. Talvez eu não fosse afeminado demais, talvez eu era só muito novo. Talvez isso nem devesse importar, em especial para uma criança.

O problema era o grupo. O coletivo, o time, o todo pareciam se juntar contra mim. Os primeiros contatos com a pressão de grupo. Eles eram eles e eu era eu. Como uma criança com um segredo, incompreensível para si mesma, acabei desistindo e voltando à relação ambivalente do meu lar.

Perguntei, quase uma década depois, por que meus pais haviam me colocado naquele lugar que me causou tanta dor. “Mas foi você quem pediu...”. É estranho, porque não

me recordo do pedido, mas acho que só o ressentimento ficou.

Como uma solução às demandas de meu pai para não me tornar uma criança sedentária, passei a praticar natação. Estruturalmente, era quase perfeito. Uma raia, como um muro em cima de infinitas colunas de água, separava eu e o outro. Seria ainda melhor se ela fosse uma gigantesca parede de concreto e não pudéssemos nos ver.

Era catártico. Bater com a mão aberta na superfície da água, sentir a velocidade, o líquido resfriando meu corpo. Diminuía minha tensão interior. Nunca participei de nenhuma competição, mesmo tendo os melhores tempos no local onde treinava. Encontrei paz no segredo, na reclusão, no desconhecido.

Pensei que me sentia assim porque odiava pessoas e por muito tempo alimentei um misantropismo autocomplacente. Descobri, há pouco tempo, que não odeio pessoas, inclusive eu amo pessoas e amo amá-las, seja lá o que isso significa.

Durante toda minha vida senti que decepcionava meu pai por ser gay e torcedor do São Paulo. Abandonei o

futebol mais em respeito a ele e a seu time do que qualquer outra coisa e, até hoje, não conto a ninguém que era o time que costumava a torcer. É só mais uma dentre tantas microviolências diárias que você se habitua a conviver desde antes da autoconsciência. Não entendo a graça, nunca entendi porque algo assim seria engraçado.

É engraçado a forma como você prefere jogar queimada ou vôlei a futebol nas aulas de educação física. É engraçado como você decide jogar xadrez sempre que possível, ainda que jogue sozinho. É engraçado a forma como você corre, a forma como você anda, a forma como você se esconde. É engraçado a forma como você chora.

Em repúdio às manifestações homofóbicas que ocorriam no território francês lideradas por Frigide Barjot e Jean-François Copé, Preciado afirma: “A criança que Frigide Barjot pretende proteger não existe”. E esclarece: “essa infância que eles pretendem proteger está cheia de terror, de opressão e de morte”.

Sete anos depois, a resposta ao questionamento de Preciado sobre quem protege a criança *queer* ainda é

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

simples: ninguém. Essa criança cresce e, de uma forma ou de outra, ela aprende a se defender.

REFLEXÕES DO DESCANSO

Leticia Tanaka

“Lazer: tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas”, segundo o dicionário de Oxford. Simples, não? Fácil de definir, difícil de executar. Analisando a anedota, temos a seguinte hierarquia: o prazer só deve vir após as obrigações. Acontece que nossas 24 horas estão ficando cada vez menores de acordo com o quão inseridos estamos na vida adulta, porque ser se baseia em arcar com as responsabilidades.

Lembro dos dias serem longos quando eu era criança. Ia para a escola, dava um cochilo à tarde, estudava e fazia pelo menos três refeições ao dia. Depois ainda dava tempo de ver TV, ler e interagir com a família. Umas 15 horas eram mais que suficientes para tudo isso e ainda dormia mais do que era recomendado. Os fins de semana eram apenas para o lazer e existia também o conceito de férias como descanso.

Em algum momento entre a adolescência e a juventude, a hora encolheu e a rotina equilibrada da infância desapareceu para dar espaço ao trabalho e ao estudo. Só a realização dessas duas obrigações já consome boa parte do dia. Ler? Mas tem aquele texto da graduação... Ver TV? Não, obrigada, preciso terminar aquele freela. Almoçar? Talvez dê para fazer um miojo entre a aula e o estágio. Férias? Vou aproveitar para fazer um intensivão de línguas, ou tirar a carta de motorista. Fim de semana? Tem aquele relatório da faculdade que era para a semana passada. Dormir cedo essa noite? Quem sabe, ainda preciso terminar uma crônica para aula de amanhã...

Se seguirmos a anedota oxfordiana, o tempo para lazer só ocorrerá na aposentadoria, se ainda der para aposentar. É bem mais difícil conciliar tempo de responsabilidade com tempo de lazer, porque há muito mais obrigações a sempre cumpridas do que tempo existente no total e, se não sobra tempo, não tem lazer ou descanso. Cabe ao indivíduo escolher qual vai dar prioridade, mas não parece uma escolha justa, muito menos fácil. “Então não

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

descanso?” me pergunto. A resposta é: Sim, por isso quase tudo está atrasado.

NÃO SE ESQUEÇA DE TENTAR

Livia Magalhães

Quando criança, eu queria mais do que tudo ser como um personagem. Eu nunca os considerei realmente fictícios, eles eram apenas pessoas especiais o suficiente para terem um livro escrito sobre elas, ou para aparecerem na tela do cinema ou da televisão. Elas eram caricaturas, e seus defeitos não eram nada além de características que as tornavam ainda mais excepcionais e autênticas. Eu queria ser assim também.

Autenticidade - isto que contava. O personagem sempre tem um *lance* que é seu, o traço mais marcante na lista de coisas que o torna especial. E ele é sempre bom nisso. Pode ser jogar basquete, *à la* Troy Bolton, e viver um dilema pessoal entre o esporte e o teatro (ambos dos quais você é naturalmente talentoso). Pode não ter realmente nada de mais, mas se um gigante barbudo chegar para você dizendo “você é um bruxo, Harry”, pode ter certeza que a sua jornada de herói vai começar.

Passei a minha infância inteira buscando aquela coisa que me fosse fazer ser especial. Dança, natação, música... Davam duas semanas e eu já tinha desistido. Era tão difícil pra mim não ser boa, tão naturalmente apta para as atividades como os personagens que eu admirava pareciam ser. Eu pensava que, sendo boa em alguma coisa, isso fosse me definir e, indo mais longe, me imputar algum valor.

Um dia eu acordei e decidi que *o* meu lance seria vôlei. O que é uma loucura porque eu nunca demonstrei a menor aptidão, e muito menos apreço, pelo esporte. Mas uma vizinha minha estava fazendo e vi aí uma oportunidade. Pensei que talvez esse fosse o meu grande talento escondido e eu finalmente iria me equiparar aos personagens que eu tanto idolatrava.

Como com todas as outras atividades que eu já tinha tentado, antes de começar de fato, eu estava super animada. Implorei para os meus pais por uma blusa do time e por um par de joelheiras, mesmo no fundo sabendo que eu nunca iria ter coragem de me jogar no chão para pegar uma bola. Devidamente equipada, fui para a minha primeira aula.

Eu estava eufórica, animada com as possibilidades.

Duas coisas estavam acontecendo paralelamente: a primeira era a realidade, uma menina desengonçada de sete anos indo para a primeira aula na escolinha de vôlei do bairro, e a segunda era o filme que passava na minha cabeça - uma identificação da menina com a bola de vôlei rapidamente seguida de vitórias em campeonatos e comemorações, que incluíam uma torcida animada me levantando, erguendo no alto um troféu maior do que eu.

Depois dos aquecimentos, a partida começou. Quando eu lembro dessa partida, eu não lembro do que de fato aconteceu, mas em que eu pensava. Eu pensava na vitória, em ser naturalmente talentosa para o esporte. Pensava com tanta força que acabei me esquecendo de jogar. Não sei para onde eu olhava que acabei sem ver a bola chegando, mas no minuto seguinte eu estava no chão, tendo defendido um corte poderoso com a minha cabeça estática, mirando o nada.

Eu caí e lembro que algumas garotas riram de mim, o que me deixou bem chateada. *Elas* eram boas, *elas* eram naturalmente talentosas. Elas também, eu sabia, mas nunca

usaria como uma desculpa, treinavam já havia tempos e era lógico que jogavam melhor.

Mas acontece que eu fiquei tão presa na minha cabeça e nas minhas próprias expectativas que esqueci de de fato tentar.

Saí do vôlei pouco tempo depois.

É frustrante pensar nisso porque lembro de quantas oportunidades eu já perdi simplesmente por ter medo de tentar, de falhar, de não ser boa o suficiente. Mas uma coisa que acabei aprendendo é que não é ter um lance que vai nos dar algum valor. Nós mostramos nosso valor quando temos a coragem de tentar, a coragem de fazer algo que não somos necessariamente bons - é aí que a autenticidade mora. Se não, você só está tentando imitar um personagem.

SONHOS DE INFÂNCIA

Luana Oliveira de Melo Machado

A casa estava em polvorosa. Todos animados, bebendo e comendo em homenagem ao aniversariante.

Só havia uma pequena figura, seis ou sete anos, paralisada em frente à televisão. Congelada olhando aquela imagem, que parecia desconexa em meio ao cenário.

As bailarinas na tela em suas penas de cisnes dançavam um *pas de deux*, coisa que ela só viria a descobrir mais tarde.

E bastou aquilo, aquele breve momento de pura admiração para sua curiosidade ser atiçada.

Depois disso não foi a mesma. Só pensava naquelas duas bailarinas, tão bonitas, rodopiando para lá e para cá.

Insistiu então por dois meses até finalmente conseguir entrar em uma sala de ballet. Um sonho realizado.

Desde então suas manhãs começavam as seis, envoltas em um ritual de transformação completo que incluía *collants*, sapatilhas e uma luta, que parecia desafiar

as próprias leis da física, para reunir todo o cabelo em um pequeno coque.

Enquanto algumas crianças acordavam e ligavam diretamente na TV Globinho, lá estava ela, entre *pliés* e *jetés*.

Naquela época, qualquer adulto que a viesse importunar com a pergunta “o que você quer ser quando crescer” teria uma resposta precisa. Queria dançar.

Aos oito, sua maior felicidade foi colocar uma sapatilha de meia ponta.

Aos dez, a promessa da tão desejada sapatilha de ponta a deixava acordada a noite, a roer as unhas.

E aos doze, as manhãs já não eram tão animadas assim.

Acordar às seis era uma penúria. O ritual não era tão divertido. Tudo parecia despropositado. Aquela sala, antes promessa de alegrias, não tinha graça. Aquilo que antes significa um sonho, se fora.

Depois passaria por várias paixões momentâneas. Ia querer ser nadadora, dançarina de jazz, e quem sabe tenista.

O interesse infantil é volúvel demais, rápido como a própria infância. Somos mil versões de nós mesmos entre os sete e os doze anos.

E tudo bem, não nos preocupamos com crises de identidade existenciais. Isso deixamos para os quatorze, quinze anos. Deixamos para os vinte, quem sabe.

Com doze anos podemos ser tudo que quisermos. Não há limites, a não ser a própria imaginação.

É época de tentativas, de tentar se descobrir sem ao menos saber.

SOBRE FALTAS

Tauane Pereira Ybarra

Digamos que se nesse exato momento alguém te dissesse para cair, o que você sentiria? Pois bem, me deparei com a predominância desse imperativo no meu primeiro treino de rugby, ficando desconcertada diante da ordem para mergulhar no chão perante o time todo. O que me fez pensar bastante sobre como eu não sabia cair, e mais ainda sobre a escassa permissão de queda concedida às meninas e a paradoxal unicidade temporal que compõe a falsa queda dos meninos, em que eles até são estimulados a se estabacarem, mas em contrapartida, proibidos de chorar pelo tombo. E então leitor, até que ponto isso é poder cair? Ou melhor, nós realmente nos permitimos ruir?

Apesar de a inconstância ser um constituinte significativo da experiência humana, pouco assumimos esse fato. Não nos permitimos cair, mudar e perder. Salva a frágil exceção do esporte, no qual normalmente em uma atividade competitiva existe a legalização da dualidade “ganhar-perder”, pouco sabemos habitar o fracasso de não

ter nossas expectativas atendidas. No esporte o infeliz exemplo dessa nossa incapacidade de experimentar a perda pode ser vista nas práticas violentas produzidas por torcidas organizadas em alguns jogos de futebol.

Estamos coletivamente doentes, por não sabermos lidar com as atrocidades intrínsecas a nós, por não tatearmos o chão da nossa própria existência e negarmos a nós mesmos quando fingimos que a queda não aconteceu.

Existir é ser incompleto, faltante e o processo da vida se faz no decorrer da falta. A busca por uma bola no gol, pelo diploma, emprego, amor, pelos filhos, a busca por uma completude vitoriosa que só se faz na falta, na perda, no caminho. Talvez, nos falte mais esporte na vida, ou apenas nos falte.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

VII – CORINTHIANISMOS

OS MILAGRES DO TIMÃO

Giulia Castro Neves Dal Mas

Minha família não é religiosa, a despeito de meu avô ter quase se tornado padre – frequentou o Seminário até o último ano, quando conheceu minha avó e abandonou a batina. Tampouco é uma família muito fervorosa com relação à política, com raros episódios de discussões acaloradas na mesa do almoço de domingo. Não, a sina da minha família é o futebol e isso, conosco, nem se discute.

Desde pequena, fui ensinada que os domingos são sagrados: é dia de sentarmos todos em frente da televisão, acompanhando atenciosamente cada movimento do Timão, sempre munidos de fortes opiniões e, claro, de um bom lanche preparado pela minha avó. Fui devidamente iniciada nos sanduíches de pernil de porta de estádio, os favoritos do meu avô, e no eterno sentimento de pertencer, que leva milhares de pessoas a inflar os peitos e entoar os hinos do time.

Minha primeira recordação palpável em um estádio de futebol é a final do Campeonato Paulista de 2009,

travada entre o nosso Timão e o elenco do Santos. Foi um dia frio, como é esperado no mês de maio, e eu havia despertado me sentindo indisposta. Pouco importava, porque a ansiedade pela vitória me consumia muito além das náuseas. Levantei depressa, tomei um banho demorado, daqueles em que você luta consigo mesmo para parar em pé, comi só o que consegui – a metade de uma maçã – e apressei meu pai para irmos buscar meus avós o quanto antes. Iríamos ao Pacaembu.

Camisas devidamente vestidas, bandeira na mão, saímos de casa em direção ao campo de batalha. O percurso até o estádio foi um exercício de concentração, à medida em que eu tentava me equilibrar, olhando fixamente para frente, para não vomitar ali mesmo. Chegando na Praça Charles Miller, começamos a subir a ladeira em direção aos nossos assentos. Lembro de ir devagarinho, olhando para o chão e contando meus passos, numa tentativa de deslocar meu foco dos enjoos aos meus pés.

Ao meu lado, de repente, um tumulto. Gritaria, aglomeração, havia alguma coisa errada. Imersa na confusão, me recordo de ser puxada pelo meu avô para dar

espaço para que o sujeito centro do conflito pudesse ser retirado de dentro da roda que tinha se formado. Tratava-se de um homem que àquela altura já havia apanhado – e muito! –, o qual inferimos ser um cambista. Seu rosto estava ensanguentado, e ousou dizer que lhe faltavam alguns dentes, além do rosto inchado, mas ele saiu da multidão de peito aberto, aparentando estar orgulhoso.

Seguindo nosso caminho, chegamos à arquibancada. Primeiro apito, bola rolando. E a adrenalina foi a gota d'água para meu estômago. Retirei do bolso do meu pai o saco plástico que decidimos levar por precaução, e vomitei tudo, ali mesmo. Ninguém se importou muito, afinal, o Coringão estava em campo. Eu também não me importei.

As redes foram estreadas pelo Santos, em gol do Kléber. Coração apertado. A vitória por 1x0 não era suficiente para o Peixe levar o título, mas no futebol não se brinca com o azar. Ainda no primeiro tempo, o empate. Agora sim, a taça já era quase uma realidade. No intervalo, pedimos hot-dogs para esperar, ansiosos, o segundo apito.

Os minutos que se sucederam foram arrastados, mas apenas para consolidar aquilo que já havíamos cantado: o

título era nosso. Enrolada na bandeira, vi o brilho no olhar do meu pai e assisti meus avós derramarem lágrimas de alegria. Saímos devagarinho, rumo às barraquinhas de sanduíche de pernil. Eu sequer me lembrei que tinha acordado indisposta, que tinha vomitado em meio à torcida toda. Depois da festa, me sentei, feliz, e bati meu lanche e uma lata de refrigerante.

Voltamos extasiados, conversando o caminho todo. Minha avó notou que eu já estava mais corada. Assenti, contando-lhe que me sentia melhor. “Isso foi obra do Timão”, ela disse. E para mim, tão pequena, aquilo pareceu ser a maior verdade de todas. Hoje, se posso dizer que já dei orgulho aos meus avós, foi em razão deste dia.

MINHA PRIMEIRA E MAIS TRISTE MEMÓRIA

João Pedro Barreto Fontes

Quem me conhece sabe da minha paixão pelo futebol e em especial pelo meu time: Corinthians. Um dia qualquer, quis descobrir qual era o primeiro jogo de futebol do qual eu me lembrava de ter assistido pela televisão e para minha surpresa não era uma vitória ou título marcante, como acredito que seja o mais comum. Era exatamente o oposto.

O ano era de 2007, eu tinha acabado de completar 6 anos e o Corinthians não vivia um ano fácil. Com muitas confusões nos bastidores do clube, o alvinegro paulista chegava à última rodada contra o Grêmio brigando para não cair para a segunda divisão. O jogo seria no antigo Olímpico e ao mesmo tempo jogavam Goiás e Paraná, que brigavam diretamente com o Corinthians por uma única vaga na primeira divisão no próximo ano. A situação do meu time era a melhor entre os 3. Com resultados iguais, o Corinthians se classificaria e os outros dois eram rebaixados. A esperança enchia o peito daquele pequeno menino sentado no sofá da sala num domingo de futebol.

O final dessa história muitos já sabem, mas vou me dar a liberdade de aumentar o suspense. O Corinthians entrava em campo com Felipe no gol, Betão e Zelão na zaga, Fábio Ferreira na direita e o jovem Everton Ribeiro na esquerda, no meio Vampeta, Moradei e Bruno Otávio, mais a frente, Carlos Alberto, Lulinha e Clodoaldo. O time estava bem longe de ser um esquadrão. Bem longe do time montado poucos anos antes com Tevez e Nilmar que trouxera o tetra brasileiro em 2005. Mas não ia ser isso que me tiraria as esperanças de ver uma vitória naquela tarde. No fundo eu sentia que nós ganharíamos e eu veria os gols da classificação mais tarde no Fantástico. Sentia que o destino trataria de nos deixar na primeira divisão.

As partidas começaram em Porto Alegre, Goiânia - onde se enfrentavam Goiás e Internacional - e no Rio de Janeiro - onde jogavam Vasco da Gama e Paraná. No Sul ela não podia começar de uma pior maneira: gol do Grêmio com 1 minuto de bola rolando. Jonas comemorou como se tivesse feito o gol de um título de Copa do Mundo. Todos queriam ver o Corinthians rebaixado e eu sabia disso.

Minha esperança nem teve tempo de ir embora. Cinco minutos depois, o Internacional abria o placar em Goiânia e, por ironia do destino, em um gol muito parecido com o do rival gaúcho. Mais cinco minutos se passaram e o destino tratou de dar mais um sinal de que estava do nosso lado. O Goiás empatou o jogo no Serra Dourada, mas em questão de segundos o Corinthians marcava com Clodoaldo no Olímpico. Quais eram as chances de os gols saírem quase ao mesmo tempo? Não podia ser nada além de um sinal dos céus, certamente. Para ajudar, no começo do segundo tempo, o Vasco abria 2 a 0 em cima do Paraná em São Januário. As coisas definitivamente estavam ao nosso favor.

Porém, pouco tempo depois, o tal do destino deixou claras as suas intenções para aquela tarde. Pênalti para o Goiás. Clemer, goleiro do Internacional, defendeu. O juiz mandou voltar por conta de uma infração. Na segunda cobrança, Clemer defendeu mais uma vez, mas o juiz anulou a cobrança novamente. Na terceira chance, a bola entrou. O sentimento de frustração me abraçou naquele momento. Como que o juiz manda a cobrança voltar duas vezes? Eu simplesmente não conseguia entender. Todas as

minhas esperanças se foram. E os jogadores do Corinthians pareciam ter se tornado, em campo, aquele menino de 6 anos desesperançoso. Sem mais forças para lutar, o jogo terminou como estava e o Corinthians foi rebaixado.

Ser essa a minha primeira memória como torcedor e amante do futebol me entristece, mas ao mesmo tempo vejo, hoje, a importância daquele momento para o meu corinthianismo. Aquela história de que o corinthiano se molda no sofrimento é verdade. Se eu não visse meus ídolos chorando ao fim da partida, talvez eu não fosse corinthiano como sou hoje. Ver com os olhos cheios d'água a fiel torcida cantando mesmo sabendo que estávamos rebaixados é algo que guardo até hoje. Não podia ser diferente e o destino cuidou muito bem disso.

O JOGO QUE ME DEU UM TIME E MUITO MAIS

Rodrigo Tammaro Costa

A relação entre um torcedor e seu time de coração é construída a partir das experiências. É um processo longo e demorado que muitas vezes passa por momentos difíceis e decepcionantes. Gostar de futebol não é a coisa mais simples do mundo. Não à toa muita gente não gosta. Eu era um desses: preferia fazer outras coisas, não me interessava por nenhum time e não tinha paciência nem para assistir aos jogos. Eu não nasci corinthiano, mas acho que ninguém nasce. O aprendi ao longo dos anos e das experiências, e um dia especial marcou essa virada.

O torcedor precisa de momentos marcantes para consolidar seu amor por um clube. Caso contrário, muda de time ou acaba não torcendo por nenhum. Comigo não foi diferente: no começo, eu era corinthiano apenas de fachada, nunca tinha experimentado, de fato, o Corinthians. Muitas pessoas aprendem a gostar de futebol com seus pais, que fazem o possível para ver os filhos torcendo no mesmo lado da arquibancada. Meu pai, porém, não foi desses. Apesar de

corinthiano, ele nunca foi um torcedor fanático, daqueles que acompanha os jogos e sabe de tudo sobre o time. Também não foi o tipo de pai que me incentivou a torcer e gostar de futebol. Acho até que ele mesmo não gostava.

Partiu da minha tia Rose, corinthiana roxa, a iniciativa de me levar ao estádio pela primeira vez, com 8 anos. Meu pai, quase como uma obrigação, acompanhou. Não foi difícil atrair meu interesse: bastou uma camisa daquelas de camelô compradas na porta do estádio. A partir do momento em que eu vesti a camisa, encarnei o personagem torcedor. A fila no portão 21, o corredor até a arquibancada e a descida nas escadarias do setor laranja do Pacaembu se tornaram um caminho mágico. Tudo era novo, expressivo e atraente. Desde o grito da torcida, o tamanho do estádio até a surpresa do meu pai, que assim como eu, experimentava tudo aquilo pela primeira vez. O jogo foi o de menos, 1x0 sofrido contra o São Caetano. Mesmo assim, saí do Pacaembu não só apaixonado por tudo que tinha acabado de viver, mas também um pouco mais corinthiano. Foram os 90 minutos no estádio naquele dia que abriram as portas

para eu conhecer e me encantar cada vez mais pelo mundo do futebol, um mundo até então desconhecido.

Acredito que meu pai descobriu o Corinthians junto comigo, e desde aquele dia, praticamente tudo que vivemos juntos foi construído em cima disso. Como eu disse, é a experiência que faz o torcedor, e bastou nós experimentarmos o Corinthians uma única vez para nos tornarmos, de fato, corinthianos. Aquele ano acabou com o título da Série B e desde então, assisti inúmeras conquistas e também eliminações. Ultimamente, cada jogo é uma nova decepção, mas ainda assim, sou grato ao futebol e ao Corinthians, que se tornaram a principal (e talvez única) forma de eu manter contato com meu pai, e esse é o maior presente que aquele jogo me deu.

ITAQUERA YOKOHAMA

Tomás Bannwart Novaes

Dezesseis de dezembro de dois mil e doze. Pegamos o ônibus do hotel, eu e meu pai. Eu tinha 11 anos.

A viagem foi curta, cerca de 30 minutos até a porta do estádio. Era frio, inverno. Eu estava de luva, touca, cachecol e um casaco de tamanho G. Na multidão em frente ao estádio, a cor azul quase não estava presente. Não é o azul que dizem ser a cor mais rara na natureza? Bom, então deu a lei da natureza. E ao final daquele dia, o Corinthians ganhar do Chelsea e ser campeão mundial no Japão nunca seria algo tão previsível. Deu a lógica, uma lógica que nós ainda não conhecíamos, mesmo horas antes da partida.

Nos dias anteriores, de tempos em tempos chegava um sentimento chato. Um certo frio na barriga, um medo, uma ansiedade. “E se não der?”, “E se a gente perder?”. Seria um fiasco, vir ao Japão para voltar derrotado. Mas nesses momentos eu me lembrava do troféu que ficava na cabeceira do quarto do meu avô, lá no longínquo interior de

São Paulo: “Troféu Corinthiano Coração de Ferro”, porque não importa a idade, todo corinthiano sabe que nasceu pra sofrer.

O Yokohama Stadium é enorme. E o fato de já terem se passado oito anos não ofusca minha memória, eu me lembro bem: se naquele estádio cabem 60 mil pessoas, pelo menos 50 mil eram corinthians. Qualquer dado oficial vai mostrar um número bem menor, mas essa não é uma daquelas coisas que a gente explica, mas sim que a gente acredita com todas as forças.

O jogo foi pau a pau, um jogoço. Eu posso não ser o narrador mais confiável, mas o Timão jogou muito. Eu me lembro bem da raça do Jorge Henrique, do Danilo, do Fábio Santos, do Guerrero. E como não esquecer do Cássio, que naquele dia fez a melhor e mais importante partida da sua vida.

O gol da vitória não foi um gol bonito, nem um gol feio. Foi um gol digno de uma final de campeonato - uma bola que sobrou magicamente na testa do Guerrero, o nosso atacante peruano. A vibração só não foi maior do que alguns minutos mais tarde, com o apito final do árbitro. À cada

ataque dos ingleses o desencanto parecia mais próximo. A última jogada da partida foi uma bola do Chelsea na trave. O sonho se concretizou e caiu violentamente sobre os nossos corações com aquele apito final do juiz. E naquele momento, a festa se deu como nunca antes nas nossas vidas: milhares de corintianos pulando e gritando em Yokohama.

Eu, um moleque ainda baixinho com um casaco do dobro do meu tamanho, vi um dos maiores feitos da história do meu time do coração ao vivo, do outro lado do mundo. Hoje, relembro, acho ainda mais inacreditável o fato de eu ter vivido isso. O estado anestésico de uma noite em que tudo deu muito mais do que certo só passou alguns dias depois. A cerveja caindo sobre nossas cabeças, os abraços nos desconhecidos, a minha camiseta escrita “Itaquera Yokohama”, os pequenos papéis dourados que caíram sobre a taça e que foram levados pelo vento até a nossa sessão da arquibancada. Era um enorme pedaço de Pacaembu no meio de uma ilha no extremo Oriente.

No dia seguinte, fizemos uma viagem de 30 horas de volta à São Paulo. Encontramos o time no aeroporto, tiramos foto com os protagonistas daquela noite absurda

que vivemos. No avião, os gritos de “Vai corinthians” coroavam toda turbulência. Virou um mantra, desde o primeiro dia da viagem. Eram as palavras que mais faziam sentido, em um país onde não entendíamos nada. E, com o tempo, até os próprios japoneses já haviam se acostumado com elas.

Mas nada disso é tão importante ou exprime tão bem o significado daquele acontecimento nas nossas vidas do que a memória vívida que tenho do meu pai, sentado ao meu lado em um avião ainda estacionado no aeroporto de Tóquio, chorando ao ler, em voz alta para mim, a coluna do Antonio Prata que saiu naquele mesmo dia.

Eu não sei quem mexeu os pauzinhos, quem escreveu o roteiro, só sei que todo o sonho do Corinthians vencer o Mundial de Clubes em cima do campeão europeu em solo japonês nunca pareceu tão natural e óbvio. Naquele dia dezesesseis de dezembro de dois mil e doze, alguma lei ou lógica inesperada se concretizou naquele estádio em Yokohama. E a beleza disso estava lá, nua, quando eu vi meu pai chorar. Deu a lógica.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

VIII – NOS TEMPOS DA ESCOLA

A SINESTESIA AO LESTE

Pedro Ferreira da Cunha Neto

O sol nasceu ao leste, como em todas as outras manhãs. Seus raios cruzavam as grades da quadra poliesportiva e formavam extensos tabuleiros de xadrez dourados sobre o piso de concreto queimado. A luz abraçava as pilastras prismáticas que sustentavam a cobertura esburacada e projetava sombras na arquibancada cinzenta. Os sons do apito e dos comandos vociferados se misturavam aos das solas de borracha em atrito com o chão. Os estrondosos impactos que a bola de futebol sofria ecoavam por todo o pátio da escola.

Zaqueu permaneceu encolhido no canto da arquibancada, na companhia de seus amigos. Ele tentava se distrair com as ondulações formadas pelo movimento da corda feito por eles. Os pulos ritmados faziam seus cabelos esvoaçarem e produziam uma melodia que harmonizava com os outros ritmos do ambiente. A comemoração de um novo gol, no entanto, rompeu com a sinestesia de Zaqueu e o trouxe de volta à realidade.

Nos entornos da área tracejada da quadra, havia pequenos espelhos de água que refletiam o teto. Os olhos de Zaqueu seguiram o caminho inverso feito por mais uma gota que se despejou sobre a poça mais próxima, percebendo uma fissura na cobertura, pela qual podia-se ver o brilho da luz solar. Sua visão percorreu o escuro céu de cerâmica acima à procura de mais brechas, mas não conseguiu achar outras. Intrigado, avistou a extensa caixa d'água atrás das grades nos limites da quadra e levantou-se para se aproximar. Conforme chegava mais perto, ele confirmava sua expectativa de que ela era tão alta quanto o teto. Ao pisar na grama que a circundava, seu pescoço curvou para trás em admiração à torre, que, do chão, parecia atravessar o céu.

Zaqueu começou a escalar a caixa d'água para enxergar as goteiras por cima. A tensão muscular aumentava e a respiração encurtava a cada novo degrau da fina escada de metal acoplada à estrutura. Apesar do enjoo, ele conseguiu chegar ao topo. Ao tocar o céu, ele seguiu o caminho trilhado pelos raios de sol até as telhas despadronizadas da quadra. As pequenas aberturas eram lar

de algumas aranhas e dividiam o espaço com pombas, tijolos quebrados e uma bola de futebol abandonada. O calor em constante transição pelo corpo de Zaqueu se intensificou com a vista daquela triste confraternização banhada pela hora dourada. Ele sorriu.

E naquela quadra poliesportiva, Zaqueu me mostrou por que o sol sempre nasce ao leste.

O MELHOR E ÚNICO TIME DA ESCOLA

Vinicius Santos Machuca

Max no gol, Pietro de fixo, Dunstan e Dudu nas alas e eu de pivô, essa foi a escalação de um time que entrou para história do instituto federal de Jacareí. Estávamos no primeiro ano, em uma escola que contava pela primeira vez com um ensino médio, anteriormente só existiam cursos superiores no local. A infraestrutura estava longe de ser a melhor, não tínhamos uma quadra para descarregar as energias do auge dos nossos 15 anos, então qualquer espaço aberto se transformava em campo para a gente desfilar nossa habilidade, ou a falta dela no caso do Pietro. Jogávamos por muito tempo, a aula geralmente acaba por volta das 15:30 e a gente voltava para nossas casas somente depois das 19, éramos apaixonados por jogar e dar risada.

A gente precisava de uma motivação a mais e ela veio como um estrondo quando fomos convidados para jogar o interclasse das turmas da faculdade, era um desafio imenso pois tinham salas do primeiro até o oitavo período da

graduação, com caras que provavelmente tinham o dobro de nossa idade.

Mas nosso time estava escalado e pronto para enfrentar qualquer um, Max era um leão quando estávamos jogando para nos divertir, porém se tornava um gatinho quando a gente tirava um racha contra outras pessoas. Dunstan era extremamente forte para a idade, tinha um chute de direita que parecia um míssil teleguiado e uma explosão física invejável, um fato curioso é que para escrever ele é canhoto e jogando ele é destro. Pietro era de longe o mais cego de bola, e nas minhas contas possuí o recorde mundial de mais canetas sofridas em uma só partida. O responsável por fadar Pietro a sustentar esse recorde negativo é Dudu, um dos mais habilidosos que meus olhos já viram de perto, se ele conseguisse usar na matemática o mesmo raciocínio que tem para pensar em dribles inventivos, hoje estaria fácil trabalhando na NASA. E tinha eu, que me destacava mais pela resenha do que pela bola, mas de vez em quando marcava uns golzinhos.

Enfim chegou o grande dia, o torneio era mata-mata, e nós entramos na quadra emprestada pela escola vizinha

como franco atiradores, com todos sabendo que iríamos perder na primeira fase.

No entanto, éramos valentes e azarados, pois na primeira partida enfrentamos o time do oitavo período, que eram os mais velhos possível, minha memória pode estar até aumentando as coisas, mas aqueles caras eram enormes, me senti no filme Space Jam, mas estava muito pior porque nosso time dos Looney Toones não tinha nenhum Michael Jordan para nos salvar.

Por mais incrível que isso pareça ser, nós abrimos o placar com Dunstan, após uma bela jogada de Dudu que rabiscou a defesa e tocou para ele encher sua bomba característica. Nosso time estava surpreendendo, jogando feito música e fez o 2 a 0 com Dudu que estava simplesmente humilhando a equipe adversária com seus dribles, o que gerou um certo incômodo e um início de briga que eu fui na hora me envolver mas não deu em nada, acho que foi porque os caras perceberam que se batessem em crianças não se dariam muito bem.

Não sei se o placar parcial subiu a cabeça, mas tivemos um apagão e cedemos a virada, depois de tudo

aquilo não poderíamos perder e eu que como sempre gostava de chamar a responsabilidade e motivar meus amigos falei algumas palavras e de alguma forma voltamos para a segunda etapa ainda melhores, logo no começo fiz meu golzinho como de costume, feio mas eficiente. Pressionamos como nunca, e com Dunstan, sempre ele e sua perna direita abençoada, saiu o gol do meio da rua que dramaticamente explodiu na trave antes de entrar. Não acreditávamos que aquilo estava acontecendo, e comemoramos como se estivéssemos vencendo a Argentina no Maracanã em uma final de copa.

No jogo seguinte tomamos um sacode, 8 a 1 para os caras, mas isso não importa, tínhamos feito história! As melhores jogadas nunca foram filmadas, os maiores gols foram feitos quando não tinha ninguém olhando e até hoje quando nos encontramos para jogar uma pelada e tomar uma cerveja lembramos com muito carinho e damos muitas risadas desse tempo bom que infelizmente não volta nunca mais.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

IX – AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS EFEITOS DO SANGUE

Gustavo Costa

"Quando for correr para o gol, preste atenção em quem corre atrás de você". Esta foi a instrução que me deram os meninos boleiros, aplicada com sucesso assim que tive a bola nos pés. No Ensino Fundamental, poucos eram os alunos que não jogavam futebol, mas alguns apenas assistiam a manada correr, gritar cair, suar, xingar, e gol! As meninas que gostavam de futebol ou os que não se enturmavam com os boleiros não tinham espaço, sendo todos prontamente silenciados quando pediam a quadra para chutar a bola. Sobrou, então, em um cantinho do pátio, uma rede de vôlei. Eu, um dos mais altos da sala, vi na rede uma oportunidade de sair do banco de reservas do futebol e colocar meus cambitos para trabalhar, finalmente fazendo outra coisa que não fosse levar fortes boladas na cara quando no banco de reservas. O termo bullying ainda não havia sido cunhado na época em que alguns meninos tinham cabelos longos e eram proibidos de entrar no banheiro masculino porque ali “não é lugar para meninas”, ou

quando os gordinhos eram colocados nas cestas de lixo para a diversão de alguns. A prática, porém, sempre foi muito frequente nas escolas. O bullying e a dominância dos meninos, com o aval indireto do professor Rogério, foram um empecilho para quem queria jogar futebol, mas fomos acolhidos pela pequena sociedade do vôlei – que depois me tirou do saque, já que eu nunca acertava, e me deixou no ataque, aproveitando um pouco da minha altura.

Dezenas de saques errados, alguns ataques mal feitos e várias aulas de educação física depois, Luiz Henrique, um dos craques de futebol da sala, lesionou o joelho numa partida muito amigável de futebol. Quando todos souberam da notícia e um jogador reserva foi cogitado, todos olharam para mim, o próximo da fila, e abri um sorriso. A bola iria escorregar das minhas mãos para os pés. "Quando for correr para o gol, preste atenção em quem corre atrás de você", lembrei da dica. O professor apita, todos a postos, bola rolando, sequência de empurrões, cuspes no chão, dribles perfeitos, fôlego de atleta, era o meu momento. Mirando o gol, eu corri como nunca com a jabulani entrelaçada nos cambitos, agora tão felizes, e senti o vulto feroz dos

meninos atrás de mim; "Quando for correr para o gol, preste atenção em quem corre atrás de você!". Quando fui correr para o gol, prestei atenção em quem corria atrás de mim – talvez isso servisse para identificar a gravidade do adversário que estava me soldando pelas costas. Pisei na bola, minhas pernas se embrulharam e fui como uma bala de canhão em direção a uma das colunas da quadra. "Alô, Dona Cida? A senhora é mãe do Gustavo, 3a série B? Ele sofreu um pequeno acidente no pátio!". O pequeno acidente: corte no supercílio esquerdo, 6 pontos, 1 injeção, minha mãe desmaiando no hospital quando viu a agulha entrando no corte.

Depois de todo o alarde causado pelo sangue no chão da quadra e o susto tomado pelo professor Rogério, conseguimos chamar a sua atenção e assim meu antigo time de vôlei reivindicou: "Queremos espaço!". A demanda foi acompanhada de um chamado aos rejeitados pelo time de futebol da sala: todos os amigos e amigas do banco de reservas foram aliciados a formar dois novos times de vôlei, agora com a metade da quadra reservada para isso. Os times

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

de vôlei? Completamente desajeitados. Os corações? Muito felizes! Meu supercílio? Doendo bastante.

A PARTIDA

Hellen Tamarozzi

A infância é uma partida de futebol do 2º ano e a vida... bom, a vida deve ser você tentando sair ileso dessa. Não gosto de estragar finais, mas adianto que nessa aula de educação física de 2008 houve feridos, ou melhor: houve uma ferida, a Taynara.

Era mais uma tarde normal na vida dos estudantes do fundamental I, aliás, talvez fosse até uma tarde mais feliz que as outras porque aquele dia era o dia de praticar esportes, ou também o famoso dia de “descer pra quadra”. E assim fizemos. Chega à sala. Professora faz chamada. Todos de shortinhos do uniforme e tênis velhos (pra não gastar os bons). Entra em fila. Desce pro ginásio. Uma abelha tira o sossego dos pequenos. Mesmo assim, nada pára eles. Meninos pegam a bola de futebol e correm para a quadra. Meninas pegam a bola de queima e vão para o pátio. Ambos os grupos divididos, porque convenhamos, não há nada mais estranho do que ficar ao lado do sexo oposto no auge dos seus oito anos. Através de um jokenpo os times

começam a ser separados, quando, de repente “Para tudo!”, chama à atenção a professora. Todos apreensivos se voltam à superiora que diz empolgada “Hoje meninas vão jogar futebol e meninos vão jogar queimada.”.

“Ah, mas futebol é coisa de menino” ouvia-se de um lado. “queimada é jogo de besta” reclamava o aluno mais chato do outro e, dessa forma, todos caminhavam para os seus campos. Sem enrolação os times foram formados e a partida de futebol feminino começou. Não houve apito e muito menos juiz; a professora raramente desviava o olhar do seu livro para a quadra, e quando fazia era apenas na intenção de garantir que estávamos todos vivos. Nós meninas sabíamos que em uma partida, o time campeão era aquele que fazia mais gols e assim, desordenadamente corríamos todas juntas para cima da bola e chutávamos ao gol. Não existia falta, nem escanteios ou qualquer outra regra do tipo, a regra era exclusivamente balançar as redes, e isso aconteceu logo para o time adversário. “Bora virar, time!” incentivava a capitã Thaís e a partida recomeçou mais entusiasmada que antes. Joana chuta a bola pra Tayara que sai tão rápido ao ponto de escorregar sozinha. Maria,

jogadora rival percebe então a oportunidade diante de seus pés de ampliar o placar e chuta a bola enquanto a oponente está no chão. Um chute. Vários gritos e muitos olhares curiosos.

Corre Taynara em direção à professora leitora. Corre um time de futebol feminino atrás da Taynara. Corre o resto do 2º ano inteiro atrás de uma professora, da Taynara e de um time de futebol. Todos se deparam com a mesma cena: um braço quebrado. Enquanto a professora pede calmamente que liguem para o SAMU, a inspetora chega com uma caixa de primeiros socorros e logo se desfaz da mesma, após observar que nada dali curaria a fratura. A “tia da merenda” sente que é a sua vez de entrar em cena e cobre o braço da pequena jogadora com várias pedrinhas de gelo. E só então a última ajuda escolar e não menos importante acontece: o “guardinha” com a tala de papelão. Dois pedaços de um papelão retirado do reciclável apoiaram os ossos da menina que chorava ao mesmo tempo em que observava seus colegas suporem o que realmente tinha acontecido. “Taynara caiu em cima do próprio braço” comentou alguém, “A abelha picou o braço dela” falou o

mais desinformado... E desse modo, lá foram ela e a professora ao hospital.

No dia seguinte, não se falava em outro assunto, todos queriam apenas uma coisa: ver se a Taynara ainda tinha braço. O relógio marcou 13 horas. Bateu o sinal. Fomos para a sala e junto de nós veio ela com a alça da lancheira em um ombro, o braço direito engessado e tagarelando “A abelha não me picou. A Maria que chutou meu braço.”. É isso. A vida é isso: uma fratura aos oito anos; mas é também uma tarde de sol, a energia de um time de futebol feminino que entra em quadra pela primeira vez, a serenidade de uma professora, a empatia de uns funcionários, a força de uma menina.

DEDICAÇÃO É O QUE IMPORTA

Natalia Nora Marques

Era fevereiro de 2011 e eu tinha começado a estudar em outra escola, na primeira semana de aula eu já consegui conhecer todas as outras seis crianças que estudavam comigo. Meu colégio era muito pequeno, então todos se conheciam e isso me fazia sentir bem acolhida.

Na época minhas aulas de educação física eram às terças e sextas, e eram as minhas favoritas na semana. Eu sempre gostei de correr, de brincar e de todas as sensações que as atividades físicas me proporcionavam, e isso se mantém até hoje. Mas minhas habilidades esportivas não eram das melhores.

Mesmo não sendo exatamente talentosa em nenhum esporte, eu sempre fui muito dedicada e isso fazia com que eu me destacasse em uma sala de sete crianças. Todos os jogos e esportes eram divertidos para mim, eu era competitiva de forma saudável e meus colegas gostavam de jogar comigo.

Mas talvez minha falta de coordenação, ou de noção, tenha me atrapalhado um pouco. Lembro que o primeiro bimestre na educação física seria basquete, e eu, com menos de um metro e meio, já estava animada para começar. Não me importava com jogar bem e fazer muitas cestas, eu queria me divertir e ajudar meu time.

As primeiras aulas eram para aprender os passes e arremessos, tudo de forma bem simples pois estávamos no quinto ano do fundamental. Nessa época eu ainda não tinha me mostrado a boa jogadora que acreditava ser e meus colegas não enxergavam todo meu potencial.

Mas foram algumas semanas depois que as coisas começaram a mudar, nosso primeiro jogo iria acontecer e como a sala era muito pequena usamos apenas metade da quadra. Eu estava bem animada e me esforçava ao máximo, conseguia tirar a bola do time adversário e passar para o meu time, mas dificilmente acertava uma cesta.

Como toda quadra de escola pequena, nela eram jogados todos os esportes, logo abaixo da cesta ficava a trave de futebol. Em uma jogada, minha amiga tentou um passe para um menino que estava perto de mim, mas ele não

conseguiu segurar, a bola apenas bateu na mão dele e foi direto para a trave de futebol. Nesse momento nós dois corremos para pegar e depois de bater na trave, a bola acertou em cheio o meu nariz.

Acredito que o nariz seja a parte mais sensível do corpo, pois a dor que senti foi absurda, fiquei chorando por algum tempo e a professora veio me ajudar. Ela ficou extremamente preocupada, mas meu nariz não sangrou ou sofreu algum tipo de inchaço. Coloquei gelo no rosto e me acalmei depois de um tempo. A professora pediu minha agenda para comunicar minha mãe do ocorrido e ficou tudo bem.

O problema foi que esse tipo de situação viria a se repetir durante várias outras semanas e a professora ficava até cansada de toda terça ou sexta ter que escrever na minha agenda “hoje a Natalia se machucou na aula”. Como a escola era muito pequena, rapidamente fiquei conhecida como a menina que se machucava todos os dias.

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

X – ÁGUA, SOL E MAR

LIBERDADE NA AREIA

Matheus Silva Nascimento

As experiências de uma criança descobrindo-se na atividade física são marcadas por muitas pessoas ao longo de seu caminho. Existem aquelas crianças que já nascem disputando e outras que sonham ter cada vez mais desafios esportivos em suas trajetórias. Assim como alguns amigos, nunca tive muito êxito nos esportes. Mas essa não foi uma grande preocupação, pois o espírito de esforço para conhecer as regras e estilos de jogos das modalidades persistiu. Já sabia que praia e esporte combinavam muito, então a curiosidade incentivava minha imaginação. Tive sorte, porque muitos fizeram com que essa fosse uma das primeiras conquistas na minha infância. A animação foi o primeiro dos sentimentos quando recebi essa notícia tão surpreendente. Essa seria minha primeira viagem.

Logo então, pensei comigo: o que fazem de tão interessante na praia para que o programa seja um dos mais divertidos de todos? Não tinha resposta, mas a imaginação fluía de forma incontrolável. Sabia que os itens

indispensáveis eram o filtro solar e a roupa de banho, porém preocupava-me mesmo com o meu despreparo para o mar. Mal imaginava que o rápido momento em que a água salgada encosta na faixa de areia poderia causar tanto desespero.

Não queria que chegasse esse tão esperado momento e estivesse despreparado. A verdade é que tinha vergonha de sentir medo do mar. Adorava a minha piscininha de lona no quintal. Estivesse ela com muita ou pouca água era a principal brincadeira. Assim já começava a perceber a importância do meio ambiente, pois ensinaram-me a importância da água para todo planeta. O destino dessa água sempre era a lavagem da escada após a brincadeira. Mal imaginava que o mar era tão maltratado pelo despejo de esgoto dos córregos das cidades.

Antes de ir à praia, uma primeira visualização do ambiente deixou as minhas noites de infância inquietantes e cada vez mais inseguras. Espantei-me porque um funil de areia sugava-me para uma gigantesca profundidade. Lembrando dessas situações, penso que se em vez de ser sugado sonhasse escorregar em

uma infinita mistura de óleo e areia. Será que o medo seria substituído por esse mesmo espanto? Aposto que ver o céu e suas nuvens girarem em 360 graus foi uma diversão mais atraente do que esse verdadeiro e triste derramamento no litoral brasileiro. Fica até difícil compreender que essa e muitas outras situações ambientais no mundo não são ficção.

Dias se passavam, e a ansiedade aumentava. Chegando o dia descemos a tal serra rumo à Santos. Nosso acompanhante principal seria a bela sinfonia do incômodo nos ouvidos. O frescor da brisa foi encantador, mas não entendia a preocupação com o carro, com a chave do carro, as roupas e o dinheiro. Parecia ser desesperador ficar um instante desatento. Já estava um pouco ambientado e consegui sentir na pele o som da natureza aliado aos medos que acum os próprios humanos. O curioso é que me surgiu apenas uma única vontade. Quis correr, mesmo tendo que enfrentar o repuxo da água e seguir pela areia. Sentia-me na icônica cena dos corredores de atletismo em *Carruagens de Fogo*. Era praticamente um herói olímpico naquele instante e o espírito esportivo começava a se desenvolver em meu

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

cérebro no batucar da magnífica trilha. Por um momento minha diversão era sobreposta aos problemas dos homens.

CAOS QUE TRAZ PARA PERTO

Verônica Mello Henriques

Ser soteropolitana implica aprender a viver na praia: nela há quem vá pelo puro lazer e quem faça do ambiente litorâneo seu ambiente de trabalho, a altinha, o pulo no mar, o picolé e o picoleiro, capelinha! frescobol e surfe, o banho de sol e sal, acarajé, açaí, água de coco, respeito à Yemanjá e correr à beira do mar...

Começamos a correr juntas por motivos de: vivíamos juntas no verão de 2015. Quatro irmãs de alma procurando alimentar o corpo também com a vitalidade da companhia. Eu, Júlia, Alice e Maria Beatriz corríamos na praia de Guarajuba todas as manhãs naquelas férias. Esse tempo foi simbólico para nossa amizade e, imagino que, para nossas vidas individualmente também; aprendemos a olhar sempre para frente, como na corrida, e reparar se aquilo que víamos parecia coerente com nossas aspirações. Nós nos mostramos muito parceiras, entendendo as

responsabilidades, as quais vinham com ser irmãs umas das outras, de correr juntas.

A paisagem não era muito diferente das outras praias mais lindas do mundo, mas se pode dizer muito sobre Guarajuba. No seu chão infinito de areia, cada grão é um sonho. O mar abraça desde os mais nervosos, procurando uma aventura que acalma, até os que querem só um ninho salgado para se aconchegar nas suas pocinhas. Não faltam coqueiros para duvidar do céu como limite. E o céu? O céu vai do azul mais manso aos roxos e rosas de tom pastel, sem deixar de passar todos os dias pela queimadura do laranja no despedir do sol. Esse é o cenário, vezes quieto, vezes caótico das diversas corridas de verão que fazíamos juntas.

Não esqueço que eu e Alice corríamos mais do que Júlia e Maria Beatriz e com isso vinha a brincadeira “quando eu crescer, quero correr que nem você”, assim, mesmo com certa coordenação, em dado momento cada uma estava em um canto. Muito por isso, andávamos separadas, porém, no fim das contas, todo mundo sempre voltava lá para casa.

É assim que vai ser? Até onde eu sei, destino nenhum pode ser medido por analogias, mas onde estamos exatamente agora é cada uma em seu canto. Canto de lugar, mas o canto de contar também. Cada uma cantando sua história, seu rumo, seu sonho pelo mundo, ou melhor, por São Paulo, encontrando suas próprias percepções de “Sampa” de Caetano. As quatro, cada uma em um canto, como em 2015.

Um passo mais longo é mais um passo para longe das outras; um passo mais rápido, outro em descompasso. O barulho do mar, os pés na areia e irmãs no horizonte como era toda manhã. Corre, corre, corre, cada uma chega onde pode e onde quer.

Depois de separadas, nos encontrávamos em mais um momento: quando chegávamos na parte mais cheia da praia. Um guarda-sol de cada cor, um do lado do outro, o isopor, queijo-coalho, coco e água, a gritaria das crianças e famílias; assim não tínhamos como correr, mas sem estresse, afinal nos juntávamos para dar risada da confusão e contar o que vimos no caminho. Todos os atletas correndo mais rápido do que a gente, o vento contrário, quase que na

TÔZO, C. O.; MALULY, L. V. B & VENANCIO, R. D. O. **Caderno de Jornalismo Esportivo – volume 5** (ebook). São Paulo: ECA-USP, 2020.

tentativa de nos parar e também os parados, nos observando passar, atentos, desconfiados, encantados. Todos presentes à beira-mar e na cidade. Hoje, o caos de São Paulo é diferente do caos da praia que traz para perto.

REFERÊNCIAS

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas: Editora Alínea, 2017.

LONGO, Gustavo Araújo de. A fabulosa arte de narrar o homem comum. Coluna Olimpíada & Caipira. In São Paulo, **Jornalismo Esportivo USP**, 15 de maio de 2020. <http://www.usp.br/cje/esportivo/index.php/2020/05/15/a-fabulosa-arte-narrar-comum/>

QUINTANILHA, Sérgio. **Revolução no jornalismo automotivo**: a reinvenção da mídia especializada em carros. São Paulo: Fontenele Publicações, 2018.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.